

**ADRIANA JOSÉ CIRIACO**

**MEMÓRIA E CIDADE**

**EXPERIÊNCIAS E LEMBRANÇAS DE VIVERES  
URBANOS  
(CATALÃO 1970 - 1980)**

Dissertação apresentada pela aluna **Adriana José Ciriaco** como pré-requisito para obtenção do título de **Mestre em História**, pelo **Programa de Mestrado em História Social da Universidade Federal de Uberlândia**, sob orientação do **Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida**.

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**2003**

**ADRIANA JOSÉ CIRIACO**

**MEMÓRIA E CIDADE**

**EXPERIÊNCIAS E LEMBRANÇAS DE VIVERES**

**URBANOS**

**(CATALÃO 1970 - 1980)**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**2003**

**BANCA**

---

**Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. CÉLIA ROCHA CALVO – UFU**

---

**Prof. Dr. RINALDO JOSÉ VARUSSA – UNIOESTE/PR**

---

**Prof. Dr. PAULO ROBERTO DE ALMEIDA – UFU**

**(Orientador)**

## RESUMO

Este trabalho aborda a percepção que os trabalhadores moradores de Catalão **tem** sobre a cidade no período considerado auge do desenvolvimento urbano e industrial da cidade, ou seja, a década de 1970.

A documentação utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa compõe-se de entrevistas, jornais, dados do IBGE, mapas urbanos e fotografias.

Utilizamos como metodologia de trabalho a História Oral, onde a memória é a fonte principal, elegendo a fala e as experiências dos trabalhadores como norteadores das discussões, problematizando o fazer-se da cidade nas experiências e lutas do viver urbano cotidiano desses sujeitos sociais.

O trabalho aponta a cidade se construindo além das expectativas oficiais, adquirindo sentido a partir da reflexão e da compreensão das trajetórias de vida dos moradores da Vila Liberdade, do Bairro Pio Gomes, da Vila União e de suas experiências acumuladas na busca e na luta por melhores condições de vida, articulando diversos atores sociais e colocando em movimento ações e questionamentos sobre a construção histórica de Catalão no período em questão.



Aos entrevistados que, com a composição de suas memórias, contribuíram para a concretização deste trabalho.

### **AGRADECIMENTOS**

Este estudo é fruto de um trabalho coletivo. Muitas pessoas contribuíram direta ou indiretamente para sua realização, às quais apresento os meus sinceros agradecimentos. No entanto, faz-se necessário um reconhecimento especial àquelas cuja presença foi marcante durante todo o processo.

Aos professores do Programa de Mestrado em História da Universidade Federal de Uberlândia (MG), que me deram subsídios para o trabalho.

Aos colegas de turma, que se tornaram grandes amigos, pelos inúmeros e oportunos debates que muito contribuíram nessa trajetória e pelo companheirismo e alegria que a fizeram muito agradável.

A Maucia, Luciana e Paulo Inácio, em especial pelas reflexões, sugestões e críticas durante os vários almoços, além dos ouvidos para as lamentações.

A Rosângela Petuba, pela confiança, estímulo e concessão de um lugar para me estabelecer durante o desenvolvimento das disciplinas.

Aos acadêmicos e professores da UFG/CAC, com os quais tenho compartilhado as dificuldades, alegrias e frustrações de se construir uma universidade pública em tempos de governos que não se eximem do papel de coveiros dessas instituições.

Aos colegas de trabalho, Márcia Pereira dos Santos, Ismar Silva Costa e Getúlio Nascentes, pelas oportunidades de reflexão sobre o tema, e pelas diversas leituras deste trabalho.

As pessoas que se dispuseram a colaborar com as entrevistas, sem as quais este trabalho não teria sido possível.

A Simone e a Cinara Melo, pelo minucioso trabalho de leitura e correção do texto.

Aos funcionários da secretaria do mestrado, que com imensa competência, me ajudaram no trato das questões burocráticas dentro do Programa, fazendo com que eu não perdesse datas ou prazos.

A Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Dalva Maria de Oliveira Silva, pelas contribuições na banca de qualificação.

A Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Célia Rocha Calvo, pelas inúmeras contribuições que não se restringem apenas a este trabalho.

Ao Prof. Paulo Roberto de Almeida, orientador desta dissertação, cuja participação extrapolou a orientação contribuindo também para meu crescimento profissional e pessoal.

A meus pais, José Belo Ciriaco e Vanilda Amélia Ciriaco, pelo apoio, incentivo e paciência nos momentos de ausências e angústias.

A meus irmãos, Ariel e Ariguel, pelas horas de conversa ao telefone, que aliviaram parte da tensão nessa reta final.

A Valdeci, companheiro na vida em todas as situações, pelo incentivo, paciência e carinho, me dando sustentação no decorrer do longo e intenso trabalho.

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	0
9	
CAPÍTULO I	
Rumo à Cidade: Trajetórias e Vivências.....	24
CAPÍTULO II	
Viver Urbano: Trabalho Conflitos e Tensões.....	58
CAPÍTULO III	
Diferentes Significados do Viver Urbano.....	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	100
FONTES	
.....	104
BIBLIOGRAFIA.....	106

## APRESENTAÇÃO

Este estudo sobre a cidade de Catalão da década de 70 teve suas origens em minhas vivências como moradora de alguns de seus bairros. Procuo analisar a cidade sob a perspectiva dos moradores, observando suas atividades cotidianas de trabalho e vivências na transformação e construção da cidade. A luta por um lugar na cidade, as constantes mudanças de um bairro para outro ficaram registradas em minhas lembranças, assim como a busca pela aquisição da casa própria, pelo asfaltamento de ruas, pela água encanada e tratada, por escolas, creches, entre tantas outras experiências do viver urbano.

Busco compreender, a partir das trajetórias de vida dos moradores, como os modos de vida foram forjados e alterados gradativamente a partir das relações cotidianas de trabalho, moradia, cultura, lazer, e economia. Analiso a cidade contida nas memórias e (re)compostas como lembranças de relações experimentadas pelos moradores. Lembranças legadas pelo viver e pela disputa de espaços sociais na cidade. Busco identificação, por meio das rupturas, das dissidências, das diferenças, das mudanças, das permanências, a gama de significações culturais dos moradores de Catalão, quando estes se reportam ao viver e ao pertencer à cidade.

O olhar para o cotidiano foi propiciado pelo trabalho com o social, seja com o curso de graduação em História, com a especialização *latu*

*sensu*, com a experiência dos ensinamentos fundamental, médio e superior, seja no próprio relacionamento social e familiar.

Rever essas práticas tão comuns no universo cotidiano e que, na maioria das vezes, passam despercebidas, lançar um novo olhar sobre elas à luz de um acúmulo de leituras, atizando-nos à reflexão, inferências, críticas, incorporações e rejeições, concede-nos um lugar privilegiado do profissional que estuda o social.

Durante minha infância, adolescência, e fase adulta, vivi e ouvi falar muito sobre os processos de construção, de industrialização e progresso da cidade. Isso me levou a procurar explicações mais plausíveis, profundas e consistentes para tal processo. O que esperava encontrar e o que encontrei ao longo da pesquisa não frustrou em nada minhas expectativas. Procurei que ela fosse tão minuciosa e cuidadosa quanto possível e, acima de tudo, responsável e comprometida com os sujeitos e suas práticas sociais estudadas.

Isso me fez trilhar um caminho mais específico no tocante à apreensão dos modos de vida e trabalho desses sujeitos sociais. As diversas situações e relações estabelecidas na cidade, a construção de um espaço num mundo em transformação, as experiências forjadas no cotidiano citadino. E por meio destas experiências redescobrir a cidade.

Realizei diversas entrevistas com moradores que viveram na cidade na década de 70, especialmente os trabalhadores assalariados de empresas locais, mineradoras, frigorífico e Prefeitura, vindos do campo ou de outras regiões do país. Hoje, esses moradores, em sua maioria com mais de 50 anos de idade, foram entrevistados com o intuito de percebermos como era a cidade experimentada por eles.

As diferenças das trajetórias de vida desses sujeitos, quando somadas aos embates cotidianos, resultaram em parte integrante da construção desta promissora cidade. Com isso, fui instigada a penetrar no cotidiano dos seus moradores, do qual também fazemos parte e, assim, pude visualizá-la melhor. Procuo a visão que os moradores das Vilas Liberdade I e União, e do Bairro Pio Gomes (conhecido como Bairro do Pio) possuem da cidade e que significados atribuem a ela e, ainda, como esses moradores se relacionavam com outros segmentos sociais da cidade.

Ao buscar como sujeitos trabalhadores comuns, pessoas que vivem e trabalham em Catalão desde a década de 1970, deparei-me com um imenso número de pessoas nessas condições. Por este motivo, primei por moradores que viveram ou vivem na Vila Liberdade - conjunto habitacional financiado pelo Banco Nacional de Habitação (BNH), construído em duas etapas de duzentas casas cada uma (1969 e 1981) -, na Vila União - vila loteada em 1976, onde os compradores construíram suas casas e fizeram melhorias de acordo com o que sobrava do seu orçamento mensal, no início sem infra-estrutura básica - e no Bairro Pio Gomes, um dos bairros mais antigos da cidade, sem data de loteamento.

As entrevistas foram realizadas em lugares públicos, como a praça da Vila Liberdade, e nas residências dos moradores, especificamente os da Vila Liberdade, Vila União e Bairro Pio Gomes, por se tratar de lugares ocupados por diversas categorias de trabalhadores assalariados, tanto naturais da região de Catalão, quanto vindos de outros estados brasileiros, como Rio Grande do Sul, Paraná, Rio grande do Norte e Minas Gerais. Nas entrevistas, busquei conhecer as trajetórias de vida desses sujeitos antes e depois de se mudarem para Catalão.

São bairros e/ou vilas com constituição diferente quanto a sua construção. A Vila Liberdade faz parte de um projeto da COHAB iniciado em 1968. Duzentas casas foram construídas durante este ano e entregues em dezembro, com inauguração em 1969. Para a obtê-las, os moradores tinham de fazer inscrição na Prefeitura Municipal. Como em todo financiamento, após a entrega das casas, começaram a efetuar o pagamento. Contudo, ao iniciarem os pagamentos das prestações, muitos moradores desistiram das casas devido ao alto custo das prestações, conforme informou Dona Verônica, moradora da Vila e ex-funcionária da COHAB em Catalão no período em questão<sup>1</sup>.

A Vila União constitui um loteamento datado de 1976, onde as residências foram fruto de autoconstrução, sem nenhuma infra-estrutura básica, sem água encanada, sem energia elétrica, sem pavimentação, entre outros benefícios que foram conquistados com as lutas dos moradores ao longo de sua vida no bairro.

Esses lugares se mostraram importantes desde a elaboração da minha monografia de fim de curso<sup>2</sup>, pois refletem lugares de sociabilidade e identidade dos moradores, lugares de disputas sóciopolíticas explicitadas nas falas, quando questionei sobre o processo de melhoramento das condições de vida na cidade e sobre o que significa morar nesta cidade.

Durante a produção das entrevistas com moradores das referidas vilas e do bairro supracitados, realizei também uma entrevista com o ex-prefeito pelo ARENA de 73/77, Sr. Silvio Paschoal.

Com este trabalho, procuro abordar aspectos da experiência de vida e de vinda desses trabalhadores para Catalão na década de 70.

---

<sup>1</sup> Depoimento não gravado. Verônica e o marido, Sr. Antônio Chaves, trabalharam na entrega das chaves das casas da Vila Liberdade do final da década de 60 a meados da década de 70 quando a COHAB estabeleceu um escritório na cidade.

<sup>2</sup> CIRIACO, Adriana José. **Práticas Políticas de Moradores de Bairros Periféricos de Catalão (1970 –1990)**. Monografia apresentada ao Curso de História da UFG/CAC, 1999.

Questionei de onde vieram, como vieram, por que vieram, o que faziam antes de virem para essa cidade, quais as dificuldades que enfrentaram, como era a cidade no momento de sua chegada.

Outras fontes foram utilizadas, como o esboço do Plano Ordenador de 1977 e o Sub-Projeto de Cooperação Técnica dos Municípios de Catalão, Pires do Rio, Pirenópolis, Niquelândia e Uruaçu (1979), jornais da década de 70 que trazem notícias de Catalão e região, mapas da cidade no período de 50 a 90 e quadros com informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Dialogando com estas fontes, combinando-as, cruzando informações nelas existentes, vieram à tona elementos que me permitiram pensar a cidade sob uma perspectiva mais social, recuperando os trabalhadores para a história de Catalão a partir de:

*Uma concepção que busca captar e investigar, nas relações sociais instituídas na cidade, o entendimento de modos de viver, de morar, de lutar, de trabalhar e de se divertir de seus moradores que, com suas ações, estão impregnando e construindo a cultura urbana<sup>3</sup>.*

As cicatrizes que os moradores deixam cotidianamente no cenário urbano são marcantes. Elucidam de que forma, em seu dia-a-dia, construíram e estabeleceram seu modo de vida na cidade. Apresentam, assim, a cidade como um espaço plural marcado pelas mais diversificadas atuações políticas e sociais. Uma cidade “ressignificada” nas memórias e nas lutas cotidianas, não podendo ser confundida, com um espaço homogêneo e harmonioso.

---

<sup>3</sup> FENELON, Déa Ribeiro. **Cidades – Pesquisa em História**. Revista cultura e cidade, SP: Olhos d’água, 1999. p. 06.

*A cidade e suas instituições devem ser vistas como espaços de produção de conflituosas relações que historicamente podem exprimir-se em dominação, cooptação ou consenso, mas também em insubordinação e resistência<sup>4</sup>.*

A cidade recomposta nas memórias dos sujeitos representa a pedra fundamental desta pesquisa. Saliento a importância da utilização das fontes orais, desde a produção e transcrição, até a difícil tarefa de problematizá-las e interpretá-las como metodologia de trabalho, uma vez que a muitos trabalhadores moradores desta cidade não possuem uma cultura letrada. Não havia, na época, nenhum meio de comunicação dito “oficial”, como revistas, jornais, ou outros documentos escritos, para registrar ou exprimir suas memórias, experiências, cabendo a nós historiadores encontrar formas de recuperar e conhecer suas trajetórias de vida.

*A entrevista de campo, por conseguinte, não pode criar uma igualdade que não existe, mas ela pede por isso. A entrevista levanta em ambas as partes uma consciência da necessidade por mais igualdade a fim de alcançar maior abertura nas comunicações. Do mesmo modo que a hierarquia desigual de poder na sociedade cria barreiras entre pesquisadores e o conhecimento que buscam, o poder será uma questão central levantada, implícita ou explicitamente, em cada encontro entre o pesquisador e o informante<sup>5</sup>.*

O uso de fontes orais, entendido como metodologia de pesquisa, depende de métodos próprios e específicos na produção e análise desses documentos, de uma relação constante entre observador e observado, entrevistador e entrevistado, que estão, constantemente, invertendo papéis. A entrevista representa, para mim uma troca de informações, de aspirações e de desconfiças. Por mais que se almeje a igualdade entre entrevistado e entrevistador a fim de evitar manipulações e distorções de informações, nem

---

<sup>4</sup> FENELON, Déa. Op cit. p. 07.

<sup>5</sup> Idem, ibidem. p. 10.

sempre isso é alcançado, pois depende muito mais da confiança, da segurança do entrevistado, do que da vontade do entrevistador<sup>6</sup>. O jogo de “esconde-esconde” está presente o tempo todo nas falas, nas respostas e nos gestos e silêncios dos entrevistados. Por mais contraditório que possa parecer, este “pique-esconde” representa a possibilidade de descortinar a cidade e penetrar no seu cotidiano, individualizando e particularizando sujeitos e relações na urdidura urbana.

Tenho me esforçado para problematizar e perceber as diversas situações de disputas políticas e sociais que permeiam tanto o nosso cotidiano quanto o cotidiano dos entrevistados, nesse processo de inúmeras mudanças que ocorrem no período estudado. Acredito, assim, contribuir para pensar o social como campo de desenvolvimento das disputas a partir de uma postura política em defesa de mudanças que podem estar na forma de entender a cidade e seus moradores menos “ilustres”:

*O trabalho político é um trabalho de mudanças e todas as mudanças são altamente políticas. Num tempo quando política, nos termos tradicionais de propaganda, organizações e instituições, se tornou insatisfatória e algumas vezes mesmo sem sabor, o fato de que nossa presença possa facilitar mudança significativa na autoconsciência das pessoas que encontramos ainda é talvez uma forma, útil, da ação política<sup>7</sup>.*

O comprometimento com o social e com a história da cidade me leva a chafurdar as mudanças claras e neblinadas para compreendermos como ocorrem, por que ocorrem, como são vivenciadas, aceitas ou rejeitadas pelos moradores. Trabalho com a concepção de cultura

---

<sup>6</sup> PORTELLI, Alessandro. **Forma e significado na historia Oral**. Proj. História, SP: (14), fev. 1997. p. 09.

<sup>7</sup> Idem, ibidem. p. 24.

enquanto categoria de análise, o que me permite ver sempre algo novo naquilo que há muito nos parece superado. Nessa perspectiva, cabe aqui a concepção de Chauí, onde:

*A cultura é mais do que as belas artes. É memória, é política, é trabalho, é História, é técnica, é cozinha, é vestuário, é religião, é festa, etc. Ali onde seres humanos criaram símbolos, valores, práticas, há cultura. Ali onde é criado o sentido do tempo, do visível e do invisível, do prazer e do desejo, da beleza e da feiúra, da bondade e da maldade, de justiça e da injustiça, ali há cultura<sup>8</sup>.*

Cultura engloba tudo que compõe o cotidiano, ultrapassando os limites do que é institucionalizado pela mídia ou pela academia. Cultura é memória, trabalho, política, costumes, símbolos, valores, modos de vida e significados atribuídos pelo homem a ela. Está, portanto, em constante mudança.

Os significados do viver emergem das análises dos depoimentos. A partir do momento que o entrevistado seleciona suas lembranças, escolhe o que deve falar ou omitir. Busco elucidar os possíveis significados dessas lembranças, fundamentados nas experiências de vida e de trabalho desses sujeitos na cidade. A lembrança é algo extremamente subjetivo, selecionado, dependendo da escolha do depoente para ser falado ou silenciado. Mesmo ao lembrar acontecimentos vividos por outras pessoas, em outros tempos, com relações diversas, os significados que são atribuídos às lembranças sempre pertencerão ao **eu** de quem está falando. As dores, as alegrias, os sentimentos e ressentimentos são campos que jamais serão totalmente explorados pelo historiador ou pesquisador oral, pois são, também, campos mutáveis, que se transformam com o passar do tempo.

---

<sup>8</sup> Cf. CHAUI, Marilena. *Público, privado, despotismo*. In: **Ética**. Org. Adauto Novaes. SP, Cia das Letras, 1992.

*As memórias giram em torno da relação passado/presente envolvendo um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências lembradas, em função das mudanças nos relatos públicos sobre o passado. Que memórias escolhemos para recordar e relatar (e, portanto, lembrar) e como damos sentido a elas são coisas que mudam com o passar do tempo<sup>9</sup>.*

As memórias dos moradores me ofereceram a possibilidade de recuperação de experiências individuais e coletivas num processo de recomposição problematizada das vivências desses sujeitos como agentes sociais responsáveis pela construção de Catalão. Memória deve ser compreendida como resultado de uma multiplicidade de experiências sociais que são forjadas no campo da cultura e do trabalho. É, pois, o resultado de um processo subjetivo, fruto de uma construção social. As lembranças emergem como elaborações e reelaborações efetuadas para dar sentido ao passado e ao presente vivido pelos trabalhadores, expressando uma tensão latente em seu cotidiano vivido.

Ao gravar os depoimentos dos moradores sobre a cidade e sua trajetória, encontrei uma gama diversificada de possibilidades de interpretações da problemática. Temas correntes marcaram a vida desses sujeitos no processo de construção da cidade, como a pavimentação da rodovia, a implantação das mineradoras, o crescimento da cidade, os novos habitantes, as dificuldades enfrentadas pela falta de estrutura urbana, as mudanças nas relações de trabalho.

O comprometimento e respeito com os entrevistados me exigiu uma postura interpretativa das fontes, procurando não julgar as falas. Não acredito em verdades absolutas ou mesmo em uma única versão dos

---

<sup>9</sup> THONSOM, Alistair. "Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias". In: **Projeto História**, SP nº 15, abril de 1997.

fatos. Conheço as concepções da memória dominante da cidade veiculada por memorialistas e por alguns historiadores da cidade. Portanto, procuramos desenvolver um trabalho que possa contribuir para descortinar essa imagem da memória dominante, abrindo uma janela para uma imagem da cidade firmada nas questões vividas, experimentadas no cotidiano e em nossas memórias e de nossos sujeitos. Uma visão de dentro e, não, de fora da cidade.

Embora tenhamos acesso a trabalhos escritos, alguns deles foram elaborados pelos ditos “representantes da história oficial da cidade”<sup>10</sup> que não têm preocupação com a experiência dos trabalhadores na cidade. Parte significativa destas obras são de memorialistas<sup>11</sup> das décadas de 60 e 70, com exceção de AZZI, que é da década de 30, privilegia temas referentes às mudanças políticas e ao progresso que se instala a partir da década de 50, e do atraso e violência do período que antecede esta década. Um jogo político em defesa de um projeto de sociedade desenvolvido na década de 60, com pretensões de abrangência nacional, visando, fundamentalmente, a atender aos interesses do grupo que está no governo do país, procurando estabilizar e alicerçar, em bases sólidas, um tipo específico de política, sociedade e história do país.

Historiadores, como PALACIN e CHAUL, privilegiam o mesmo período tratado pelos memorialistas. Respaldam a história política e dão sustentáculo científico às obras dos memorialistas, garantindo a manutenção de uma versão da história da cidade: a história dos vencedores<sup>12</sup>. A história daqueles que estavam no governo naquele momento e que, de certa

---

<sup>10</sup> CF: AZZI, Antonio J. **Catalão Ilustrado**. Ano 1, 1937; CAMPOS, M<sup>a</sup> das Dores **Catalão: estudo Histórico e Geográfico**. Goiânia: Bandeirante, 1979; RAMOS, Cornélio. **Catalão de ontem e de hoje**. Goiânia, Opção, 1978.

<sup>11</sup> CF: AZZI, Antonio J. **Catalão Ilustrado**. Ano 1, 1937; CAMPOS, M<sup>a</sup> das Dores **Catalão: estudo Histórico e Geográfico**. Goiânia: editora Bandeirante, 1979; RAMOS, Cornélio. **Catalão de ontem e de hoje**. Goiânia, Opção, 1978.

<sup>12</sup> GOMES, Luis Palacim. et alli **História Política de Catalão**. Goiânia: ed. UFG, 1994.

forma, ainda estão. Têm uma perspectiva de cidade que nem sempre é a perspectiva da maioria (trabalhadora).

Os trabalhos no campo historiográfico têm avançado em temporalidade nos últimos tempos através de dissertações de mestrado, teses de doutoramento e também monografias. Muitas monografias e dissertações vêm sendo feitas sobre a década de 60 e as décadas subseqüentes na área de história. Entre eles destacamos as dissertações de SANTOS e FERREIRA<sup>13</sup>. Em seu trabalho, SANTOS tem como objetivo compreender a nova realidade da década de 1990, vivida por homens e mulheres que ainda tem o campo como espaço de vida. A autora analisa as mudanças vividas pelos trabalhadores e moradores rurais trazidas pela política agrícola dos últimos 40 anos. Contudo, questões relacionadas às relações campo e cidade são pouco exploradas, pois não fazem parte das preocupações da autora, uma vez que SANTOS procura aprofundar no pensar o campo e as relações específicas que permanecem nele, não dissociando campo e cidade, mas secundarizando o estudo da cidade.

O trabalho de FERREIRA tem como proposta uma nova forma de ver a história da cidade sob o ponto de vista político e social. Porém, o que predomina no trabalho são as expectativas pessoais da autora diante de projetos políticos de desenvolvimento e progresso da cidade, principalmente no que se refere à formação do Pólo Mineró-químico Industrial em Catalão. Projeto que, segundo a autora, pesarosamente, não se viabilizou até 1992 devido às rixas político-partidárias. Os catalanos

---

<sup>13</sup> SANTOS, Márcia P. **O campo (Re) Inventado: transformações da cultura popular rural no sudeste goiano (1950-1990)**. UFU –2001. Dissertação de Mestrado. FERREIRA, M<sup>a</sup> Cristina N. Ferreira. **Política, razão e desrazão: dimensões políticas e históricas do insucesso do pólo mineró-químico industrial de Catalão/Ouvidor (1962-1992)**. UNICAMP, 1998. Dissertação de mestrado.

continuaram no período de 60 a 90, segundo FERREIRA, sendo vítimas do atraso devido aos problemas políticos locais.

Em todo o trabalho, FERREIRA dialoga com a memória oficial de progresso da cidade. Os conflitos, as mudanças nos modos de vida e nos relacionamentos sociais e culturais, apesar de serem apontados como preocupação de análise da autora, não são desenvolvidos no decorrer do texto.

O amadurecimento e o desenvolvimento desta pesquisa foi em parte propiciado por leituras que procuraram recuperar os trabalhadores como sujeitos que se apropriam dos espaços urbanos a partir dos significados dados ao tempo vivido. Em muitas leituras, senti que esses trabalhadores foram marginalizados da história da cidade.

As vivências dos trabalhadores me permitem pensar a cidade como campo de disputas pelo direito a ela, que são explicitadas pelas lembranças ao relatar sonhos, expectativas, experiências de vida e de trabalho. A metodologia adotada possibilita a compreensão da totalidade do viver humano, suas lutas, sua forma e seu conteúdo, seus objetivos e projetos sociais que não foram explicitados nos projetos governamentais. Viso à compreensão da história dos trabalhadores além das organizações oficializadas, repensando o passado a partir de questionamentos do presente.

Trabalho com a concepção de história viva, acontecimentos intimamente ligados a aspectos sociais da existência humana, utilizando, como objeto de estudo, os trabalhadores como sujeitos de um processo histórico, que vivem num campo conflituoso e heterogêneo<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> Inspirada em Déa R. FENELON. "O Historiador e a cultura popular: história de Classe ou \história de povo?" In: **História e Perspectiva**. Uberlândia: UFU: jan/jun, 1992.

Os trabalhadores que migraram para a cidade de Catalão na década de 70 podem ter, e têm, lembranças diferenciadas<sup>15</sup> sobre o processo de “modernização” da cidade: uns dizem que a implantação das minerações foi mais um benefício que propiciou o crescimento e desenvolvimento da cidade. Outros, que o progresso foi um processo que destruiu antigos laços de sociabilidade existentes entre os antigos habitantes da cidade. Alguns sofrem com o processo discriminatório trazido pelas mudanças no modo de viver e morar e ainda há os que procuram manter e criar laços de sociabilidade para se incluírem na sociedade catalana.

Essas diferenças possibilitam rever a forma como os moradores vão atribuindo sentido ao passado. Segundo Thonsom, isso reflete em nossa forma de narrar nosso passado, moldando-o a nossas necessidades e aspirações atuais, pois, ao narrarmos a história, identificamos quem julgamos ter sido, quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser<sup>16</sup>. As falas quase sempre deixam entrever um retorno ao passado buscando justificar sua imagem social no trabalho, no pertencimento à cidade, nos casos de discriminação por naturalidade, entre outros.

Trabalhar com as fontes orais e com esta perspectiva de abordagem histórica tem sido satisfatório. A grande dificuldade encontrada com esta documentação não se encontra em sua pobreza, ao contrário. O pouco tempo estabelecido pela CAPES para o curso (antes eram trinta meses; hoje, são vinte e quatro) revelou-se bastante reduzido para quem pretende apresentar um trabalho de inequívoca qualidade. Outra dificuldade do curso foi a redução do número de bolsas para pesquisa, o que nos obriga a exercer

---

<sup>15</sup> PORTELLI, Alessandro. “O massacre de Civitella Val di Chiana”. In: **Usos e Abusos da história Oral**. Fun. Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1996.

<sup>16</sup> THONSOM, A. Op Cit.

nossas intensas atividades profissionais e realizar o mestrado ao mesmo tempo.

Contudo, nosso trabalho foi realizado com a máxima responsabilidade e qualidade. Está estruturado em três capítulos:

► Primeiro capítulo: Rumo à cidade: trajetórias e vivências.

Neste capítulo, por meio de um diálogo com as fontes orais, jornais da década de 70 e o Plano Ordenador da cidade, restauraram a trajetória e a memória dos trabalhadores que vieram para Catalão em meados de 70 e deixaram para trás seus lugares de origem. Trabalho com dois grupos de trabalhadores que se mudaram para a cidade por razões diferenciadas: trabalhadores do setor de mineração, que vêm de outra região para as minerações de Catalão, exercendo as mesmas atividades e trabalhadores do campo que passam a estabelecer novas relações com a cidade a partir da década de 60, num momento de transformação nas relações campo/cidade.

Encontramos expectativas, dificuldades de acesso à cidade, a equipamentos públicos, modificações nas formas de relacionamento e convivência, exclusão de antigos meios de trabalho e inserção em novas atividades. Confrontos e tensões entre moradores e classe dominante nesse processo de transformação da cidade, me instigou a refletir sobre a disputa de memórias que permeia esse momento da vida desses sujeitos.

A partir do diálogo estabelecido entre as análises das entrevistas e os documentos da administração municipal, compreendi como a cidade estava organizada no período em questão e o porquê da necessidade de organização do espaço urbano através da intervenção do poder público a partir dos planos de ordenamento e urbanização, ou dos conflitos com as reivindicações dos moradores.

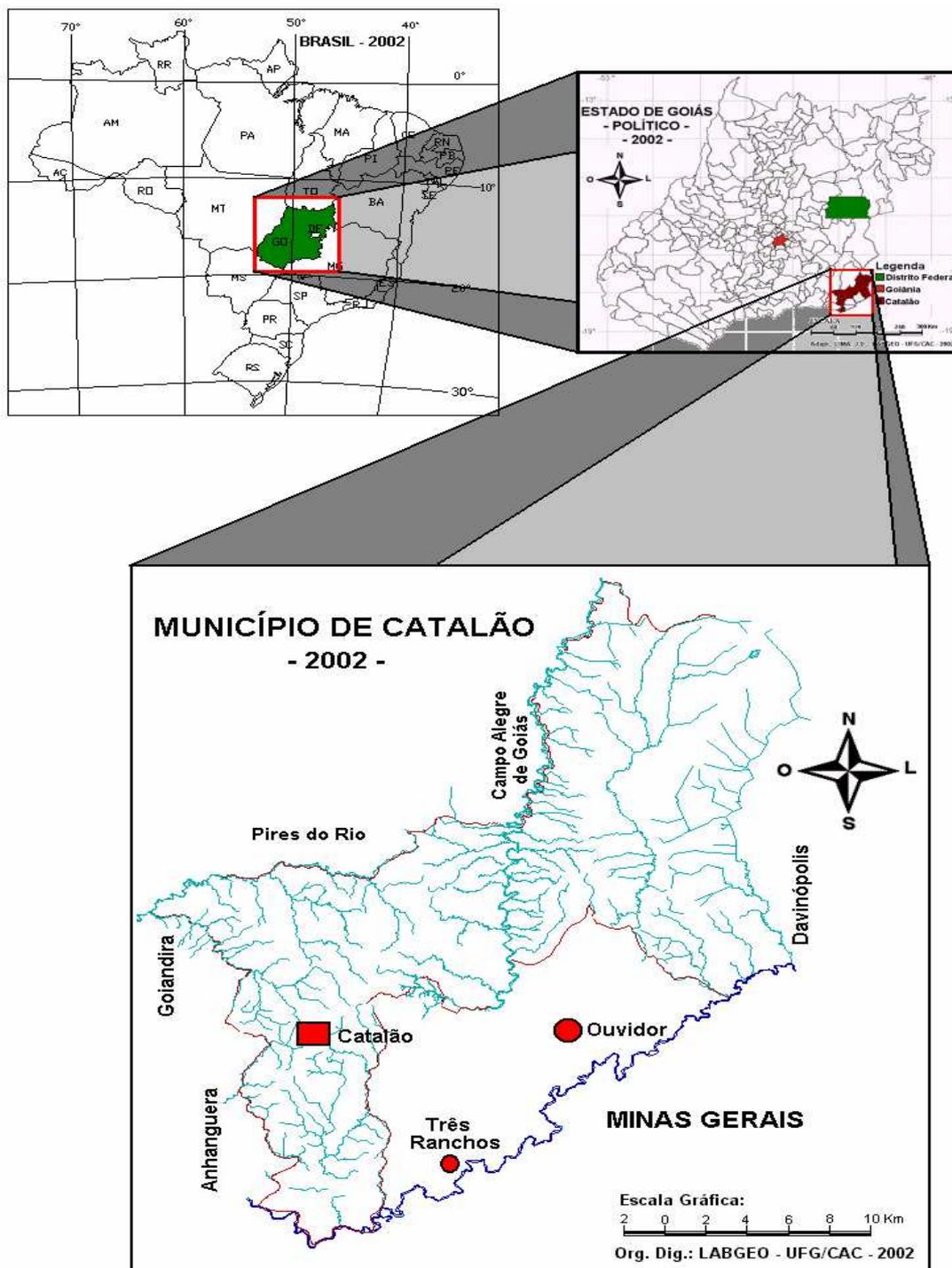
► Segundo capítulo: Viver urbano: trabalho, conflitos e tensões. Neste capítulo o trabalho com as fontes orais elucida o cotidiano dos moradores em suas tensões diárias na disputa pela cidade. Observamos as dificuldades de adaptação das pessoas entrevistadas, a busca por melhorias para o bairro, os problemas enfrentados devido às reformulações urbanas. Avalio como vivem, como e onde trabalham, bem como suas expectativas sobre o viver urbano.

► Terceiro capítulo: Diferentes Significados do Viver Urbano. Este capítulo traz o processo de aprendizado que o viver urbano propiciou para meus sujeitos, como a formação de associações de bairro, a construção de centros comunitários, igrejas e reuniões de grupos de jovens. A percepção do poder público ora como aliado, ora como oponente, a mudança na forma de conceber o mundo e o seu lugar na cidade também faz parte desse cenário.

Estabelecemos uma conjugação entre as trajetórias, vivências, experiências do viver urbano, relações com o poder público e o estabelecimento de práticas políticas, que me possibilita refletir sobre práticas que são as responsáveis pela formação do bairro e das vilas e pelo pertencimento à cidade.

# CAPÍTULO I

## RUMO À CIDADE: TRAJETÓRIAS E VIVÊNCIAS



A década de 70 se constitui num marco importante na memória dos sujeitos entrevistados, por ser carregada de significados e interpretações das mudanças nos viveres da cidade. Isso me levou a desenvolver, neste capítulo, a busca pela Catalão desse período. Observo a diversidade de práticas sociais existentes num momento marcado pela propaganda do progresso e desenvolvimento, situo os moradores e seus lugares nesse espaço. A partir das experiências por eles, procuro pensar elementos diversos que marcam as mudanças e transformações ocorridas na organização sócio-cultural dos trabalhadores catalanos.

Deslocar-se de uma região para outra, afastando-se temporariamente de seus familiares, esposas e filhos, amigos, não deve ter sido uma tarefa tranqüila na vida dos cidadãos que formam hoje a população catalana, sejam vindos do campo, ou de outras regiões do país. Viver em um mundo diferente do seu, com costumes, valores, relações sociais e pessoais diferenciadas marcou e marca o modo de viver e interpretar a cidade desses moradores.

Muitos desses habitantes vieram, na década de 1970, das regiões agrícolas vizinhas ou de cidades próximas. Outros vieram da região do Rio Grande do Sul, de Minas Gerais e Nordeste do país, como o Sr. Jozelito, morador da Vila Liberdade desde 1975, natural de Jucurutu, RN, *cidade pequena*, mas segundo o mesmo, *com possibilidades de estudo e assistência para quem quisesse e tivesse condições*<sup>17</sup>. Esta frase é bastante significativa para pensarmos os motivos da saída de sua família de sua terra natal. Cidade boa, promissora e com boas possibilidades de vivência.

---

<sup>17</sup> Jozelito Moraes de Araújo, 43 anos, casado, dois filhos, filho de um dos funcionários que veio com a Mineração em 74, natural de Jucurutu-RN, fez curso técnico em Uberlândia, foi funcionário da Copebrás (empresa mineradora) por 17 anos, atualmente está trabalhando na Ultrafertil (antiga METAGO - empresa de mineração). Morador da Vila Liberdade desde a sua chegada na cidade.

Contudo, para permanecer em Jucurutu, como em qualquer outra cidade brasileira, era necessário ter condições de sobrevivência, ou seja, emprego e renda para garantir a existência da família.

*Eu vim do Rio Grande do Norte (...) quando nós viemos para cá, foi no início da Mineração. Ela tava no início da terraplanagem, fazendo a infra-estrutura(...). Meu pai veio em 1974, e nós viemos em seguida, em janeiro de 1975(...). Nós viemos morar na Vila. Essa Vila aqui era, não tinha asfalto, faltava água constantemente (ele ri). O pai trabalhava no mesmo grupo lá da Mineradora também, na mesma empresa<sup>18</sup>.*

Deixando tudo para traz, a família de Jozelito se mudou para Catalão acompanhando o pai, que veio trabalhar na Mineração, atividade que já desenvolvia em sua cidade no Rio Grande do Norte, o deslocamento ocorreu porque a empresa mineradora estava em vias de fechamento no Nordeste e, por este motivo, ofereceu emprego a alguns trabalhadores em Catalão.

Essa experiência é semelhante a de muitos outros trabalhadores que vieram para Catalão com o processo de implantação das empresas mineradoras na região. É possível evidenciar algumas das dificuldades enfrentadas por esses trabalhadores que, devido às necessidades de sobrevivência, tinham de deixar seus vínculos e ir a busca de sustento para a família, muitas vezes deixava as famílias para trás. Fato comum num período de grandes fluxos migratórios de trabalhadores de várias regiões do país para lugares onde havia frentes de serviço, como extração mineral,

---

<sup>18</sup> Jozelito Moraes de Araújo, 43 anos, casado, dois filhos, filho de um dos funcionários que veio com a mineração em 74, natural de Jucurutu-RN, fez curso técnico em Uberlândia, foi funcionário da Copebrás por 17 anos, atualmente está trabalhando na Ultrafertil. Morador da Vila Liberdade desde a sua chegada na cidade.

construção de barragens para hidrelétricas, ou outras empresas, como as mineradoras.

Essa peregrinação em busca de melhores condições de vida fez e continua a fazer parte da vida de um grande contingente de trabalhadores. Atualmente, representa a situação de inúmeros trabalhadores brasileiros na incessante busca pelo emprego e melhores condições de sobrevivência, o que elucida o aprofundamento da exploração do trabalhador através das relações de produção, cada dia mais perversas.

A fala de Jozelito trás à tona que as possíveis expectativas geradas em torno do emprego eram grandes. Assim que seu pai se estabilizasse no local, a famílias viria para lhe fazer companhia e dar continuidade a seus projetos e aspirações.

*Adriana, pra qui pra Catalão eu vim de Rio Verde, também Goiás. Só que a minha vinda pra Goiás, eu vim de São Paulo. Mas toda vida eu trabalhei em empresa, terminava num lugar, ia pro outro. E nessa época o único serviço que nós tinha... Feliz daquele que tava numa área federal que era a rodovia<sup>19</sup>.*

O Sr. João Ribeiro de Santana tinha 13 anos quando saiu da Bahia em busca de melhores condições de vida. Orgulha-se de dizer que sempre trabalhou em empresas, mesmo que tenha sido temporariamente. Em seus sentimentos deixa explícita a desvalorização do trabalho no campo propagada por autoridades políticas e pela imprensa, mas, sobretudo por ele vivenciada, talvez pelo sofrimento na terra natal. Por isso, vê na empresa a

---

<sup>19</sup> João Ribeiro de Santana, 54 anos, (faleceu em dezembro de 2001), natural de Avelino Lopez – BA. Casado, três filhos, veio para catalão trabalhando na pavimentação da Br 050, casou e permaneceu morando na cidade trabalhando na empresas METAGO, e posteriormente na GOIASFERTIL, atual Ultrafertil, até se aposentar. Foram realizadas três entrevistas com este senhor, uma em 1997, uma em 1998 e uma em 2001. Foi morador da Vila Liberdade e comprou uma casa na Vila União, onde reside sua família atualmente.

melhor fonte de trabalho, pois oferece melhores condições de sobrevivência e mais segurança. Pelo menos, permite saber até quando vai estar empregado, apontando a possibilidade de futuras frentes de serviço, como no caso das minerações, as empresas de pavimentação ou outras indústrias que, de certo modo, garantem um “possível” emprego.

*A situação lá de emprego toda vida foi ruim. Lá tem uns lugá que é bom e outros que é ruim. Agora a minha saída de lá pra São Paulo era por causa que a gente, eu fui criado praticamente sem pai, como se diz, que eu não tenho vergonha de falá, e fui pra São Paulo e trabalhei em todas essas empresas e vim parar aqui<sup>20</sup>.*

As dificuldades enfrentadas por este trabalhador durante sua infância e, depois, como adulto e trabalhador, fizeram com que ele estruturasse sua percepção do mundo a partir das relações de trabalho pela sobrevivência. A infância traumática é visível na dor expressada ao falar de sua família. Ele demonstra isso ao não entrar em detalhes, pois apenas diz que aprendeu a viver com quem possui sem ter vergonha de ser mais um filho sem pai. Praticamente nunca fala da mãe, nem diz se tem irmãos. Revela apenas que tudo o que tem hoje foi fruto de um esforço solitário, de muito trabalho e luta.

*Aí quando terminou aqui, até nós preocupado, o que é que vamos fazê? Mas aí já tinha vários projetos que era esses minérios(...) o que fez eu ficar aqui foi o seguinte: nós tinha uns chefes da empresa que visava muito o futuro(...) eles explicava pra nós o que ia ser aqui em Catalão, que nós até duvidava<sup>21</sup>.*

---

<sup>20</sup> João Santana op. cit.

<sup>21</sup> Idem.

A instabilidade de serviços constitui a grande preocupação de João Santana e da maioria dos trabalhadores brasileiros, não só no período em questão, mas também nos dias atuais. O futuro incerto - não saber como seria o dia de amanhã, como sustentar a família, o medo de que sua esposa e filhos passassem pelos mesmos problemas que ele passara no passado - fez com que o Sr. João permanecesse na cidade após o término das obras na BR 050. Mesmo a cidade não apresentando uma estrutura favorável ao progresso em 1972, havia, segundo ele e outros colegas na cidade, uma campanha chamando à atenção para o futuro progresso industrial da cidade:

*Nóis achemo aquele viaduto ali solto lá no mato, não tinha terra, aterro, nem nada. Então eles [os chefes] falava: vocês tão veno aquele viaduto que construíro? Aquela ponte? Ela era feia parecia um jirau né?! Aí eles dizia: aqui vai ser uma indústria, aquilo a turma até dava risada<sup>22</sup>.*

A propaganda feita sobre o futuro da cidade pouco contribuía para que Sr. João e seus companheiros de trabalho acreditassem ser possível o desenvolvimento e ampliação do campo de empregos na cidade. Isso fica claro quando ele se refere ao viaduto que dá acesso à Brasília. A estrutura que faz parte do projeto de integração do interior, amplamente divulgado por jornais regionais e estaduais. Para os moradores da cidade, parecia algo sem propósito, como disse o entrevistado, *um jirau*. Até o projeto ser colocado em funcionamento, Catalão parecia, para essas pessoas recém chegadas, “o fim do mundo”. Parecia piada pensar em crescimento e desenvolvimento, comparado a outros centros urbanos, como São Paulo.

---

<sup>22</sup> Ibidem.

Essa propaganda fazia parte de uma proposta de porte nacional que procurava desenvolver, no interior goiano, um projeto de desenvolvimento, industrialização e integração de Goiás ao resto do Brasil. Catalão e outras cidades goianas estavam envolvidas nesse projeto, como, por exemplo, Luziânia, citado pelo Jornal Cinco de Março (1971):

*“busca de soluções para o problema de industrialização de Goiás”: Luziânia será a sede da cidade industrial de Goiás e Brasília”, segundo o chefe executivo Neviltom Lobo: somos hoje o elo de ligação entre duas unidades de federação brasileira e a localização da cidade industrial significará a união de Goiás, Distrito Federal, na industrialização do centro-oeste”<sup>23</sup>.*

O objetivo central, segundo a matéria, era aproveitamento de mão de obra do entorno de Brasília, de matéria-prima e de fornecimento de produtos industrializados para a região<sup>24</sup>, além de estar sendo utilizada para povoar o interior. Catalão se insere neste contexto por ser o interior e fazer parte do Centro-oeste. Esse é o mesmo discurso usado por políticos e por alguns historiadores e memorialistas para promover o progresso da cidade - povoar e industrializar.

O Sr. Cornélio Ramos, memorialista local que faleceu em 2001, disse que o progresso da cidade possui uma grande dívida com o governo militar e a construção de Brasília. Durante a conversa, realizada em 11 de setembro desse ano, ele explicou que Catalão se integrou ao resto do país por meio de estradas, melhoramentos nos meios de comunicação, modernização da estrada de ferro que corta a cidade, melhoria no sistema de saúde e educação, entre tantos outros meios.

---

<sup>23</sup> Jornal Cinco de Março (1971).

<sup>24</sup> Jornal cinco de Março, 14/06/71, Goiânia.

Por meio desse depoimento, visualizei a forma como era realizada a propaganda de desenvolvimento da cidade que, no discurso local, esteve intimamente ligada ao período de 1964 a 1981. É, portanto, esta a cidade reatualizada por memorialistas e por alguns historiadores que compactuam com a idéia de progresso. Nem por isso, a cidade vivida pelos moradores aparece tão harmônica e modernizada.

*Eu cheguei pra qui, eu viajava muito. Eu fui peão de boiadero. Naquele tempo tinha muita boiada e num tinha esse negócio de caminhão não... nós ia de a cavalo né?! Pra Barretos, Presidente Prudente<sup>25</sup>.*

O Sr. José Fernandes Barbosa, conhecido como Zé Preto, é morador da Vila Liberdade desde sua inauguração em 1968. Trabalhou como carreiro grande parte de sua vida, experiência que ele mais sente orgulho em relatar e motivo que o trouxe para Catalão:

*Eu num alembro mais o ano que eu vim pra cá, em 67, 66. Mais eu vim vino os pouquinho<sup>26</sup>.*

Segundo o mesmo, ele foi se mudando para Catalão aos pouquinhos, entre uma parada e outra, até se fixar na cidade. Em sua fala, percebi uma melancolia ao falar dos tempos de outrora e ao se lembrar que os caminhões tiraram o seu trabalho. As mudanças que aconteceram no Brasil da década de 1960 em diante marcaram profundamente a vida desse senhor de 69 anos com muita história para contar.

---

<sup>25</sup> José Fernandes Barbosa, conhecido como Zé Preto. 69 anos, casado, cinco filhos, natural de Paracatu. Ex-carreiro, trabalhou no frigorífico e se aposentou por invalidez na Mineração Catalão após 19 anos de trabalho. Fixou residência em Catalão em 1967, em 69 se mudou para a Vila Liberdade. Analfabeto. Depoimento gravado em 05/07/2001.

<sup>26</sup> José Fernandes Barbosa, já citado, de agora em diante citado como José Preto.

A memória do trabalho, a vida tendo sentido de acordo com as atividades desenvolvidas para a sobrevivência. O Seu José Preto, em sua trajetória, experimenta a cidade de Catalão de duas maneiras distintas. A primeira, como paragem, onde descansava e alimentava a boiada para depois seguir viagem para terras paulistas ou mineiras. Período em que, aparentemente, gozava de maior liberdade, pois estabelecia seu próprio ritmo de trabalho que devido à afinidade com a profissão se assemelhava ao lazer.

Mas com a chegada do “progresso dos transportes no Brasil”, ampliado pela construção de novas redes viárias dando acesso ao interior, o Seu José Preto e outros trabalhadores foram substituídos por novas relações de trabalho, por exemplo, pelos caminhões gaiola e um motorista. Sua profissão perde um pouco a importância que teve no passado para o desenvolvimento econômico do País. Ele se mostra desolado por sua invalidez diante dos novos tempos, não apenas por ter de procurar outras atividades, mas, sobretudo, por perder o controle sobre seu próprio tempo, sobre sua vida. Percebo esse sentimento na tristeza do seu olhar quando relata a mudança de profissão, quando relembra dos bons tempos da boiada, “é uma tristeza de dar dó”.

*Já morei em João Pinheiro. Já morei em Pirapora, morei no estado de São Paulo, em Barretos muito tempo também. Um ano, dois anos, três anos. Sempre assim, sempre com boiada né?! Aí eu vim pra cá. Fui trabaíá no frigorifo. Do frigorifo fiquei empregado na Mineração 19 anos<sup>27</sup>.*

Cada lembrança depende das condições de vida enfrentadas por cada sujeito. A maneira como retratam seu passado e suas lembranças têm um sentido íntimo e pessoal que está relacionado às experiências de cada morador. O Seu José Preto tem uma trajetória diferente da trajetória de Seu

---

<sup>27</sup> Zé Preto, op cit.

Jozelito e de muitos outros migrantes nordestinos que vieram para a cidade na década de 70. Seu José Preto conheceu Catalão nas décadas de 50 e 60. Sua família se instalou na cidade ainda na década de 60. Suas lembranças retornam a períodos mais distantes do progresso, possibilitando-me perceber o significado desse progresso para esses moradores que migraram para a cidade antes da década de 1970.

Contudo, as necessidades de sobrevivência o levam a procurar novos meios de defesa e trabalho. É necessário se adaptar a um novo ritmo de vida: o ritmo industrial, moderno, controlado. Um processo de transição entre velhas relações de trabalho e as novas necessidades do “progresso” industrial.

A partir desse momento, o Seu José Preto passa a experimentar Catalão como um centro de organização da produção, como o lugar de moradia e de trabalho, ao mesmo tempo. Porém, não é mais boiadeiro. Passa a ser funcionário de um frigorífico, onde conhece outras relações de trabalho: o tempo cronometrado, a tarefa a cumprir horário até o final do dia, a fiscalização de um chefe, o controle de sua atividade feito por uma pessoa estranha a ele. Ainda que esteja trabalhando com o boi, ele agora vivencia o processo de industrialização da carne. Trabalha com o boi morto, por um salário inferior que o leva a procurar outras fontes de renda, como o trabalho nas fazendas.

Neste caso, a família do Seu José Preto se instala na cidade contra a vontade da sua esposa, pois vivia em Paracatu (MG), cidade próspera, centro distribuidor de gado para Minas, São Paulo e Goiás, e a realidade de Catalão em 1960 era muito diferente da realidade de Paracatu no mesmo período. Mesmo assim, o “destino” (o parto de seu primeiro filho) fez com que ela ficasse em Catalão, na casa de parentes a espera do marido.

Segundo Dona Camélia, ela já estava na carroça, indo embora para Paracatu quando entrou em trabalho de parto e por este motivo, não teve condições de fazer a viagem. Para ela, Catalão *não tinha nada e era uma poeira danada!*<sup>28</sup> Muito diferente de onde veio<sup>29</sup>.

A experiência de as famílias permanecerem nas cidades e os “homens no campo” se assemelha ao que acontece com os trabalhadores sazonais que participam do processo de colheitas e plantio de safras agrícolas. Em determinados momentos, têm muito trabalho no campo e praticamente não vêm ao centro urbano. Enquanto isso, a família aguarda ansiosa a vinda do patriarca com os seus vencimentos para pagamento das despesas do mês. Essas mudanças marcam também um momento de transformações na ordem política do país, pois apresenta uma alteração nas leis da agricultura, que afeta diretamente o homem do campo, sem terra. Esse momento de transformações leva o homem trazer a família para viver na cidade, mas continua a trabalhar no campo. As cidades cresceram bastante devido à migração dos trabalhadores do campo e dos de outras regiões, que partiam em busca de emprego.

*Quando eu cheguei pra qui, tinha pocas casa. Lá na boca da onça, por exemplo, num tinha quase ninguém. Tinha poquica gente mesmo(...) num tinha nada não. Não nada! Buteco tinha muito pouco. Ali onde é o coreto da Praça Getúlio Vargas, tinha um boteco daquele Jorge Bocudo... não tinha nada mesmo. Então aqui era de a cavalo, essas coisas assim. ele olha para sua volta fazendo referência a Vila Liberdade e diz: isso tudo era um cerradão... o JK, (posto de gasolina na entrada sul da cidade) naquela altura do JK era tudo um cerrado. Não tinha nada não. Só tinha a 20 de Agosto, umas casinha poca também. Né?!<sup>30</sup>*

---

<sup>28</sup> Dona Carmélia, esposa de José preto, trabalhou como doméstica na casa de várias famílias catalanas, até chegaram os netos, pois a partir de então ela deixa o trabalho para cuidar dos netos para os filhos trabalharem.

<sup>29</sup> Idem.

<sup>30</sup> José Preto, já citado.

O conceito que o Seu José Preto tinha de cidade, no período em que ele chega a Catalão, era de centro comercial, com bares, lojas, armazéns, pois era o que ele conhecia de outros centros urbanos, como Paracatu e Ribeirão Preto. Para ele, Catalão ainda não era uma cidade, quase não tinha bares nem vendas. Em sua concepção Catalão cresceu e se construiu ao longo das décadas de 60 e 70, “a cidade foi feita de novo” desde que ele se mudou para ela em meados da década de 1960.

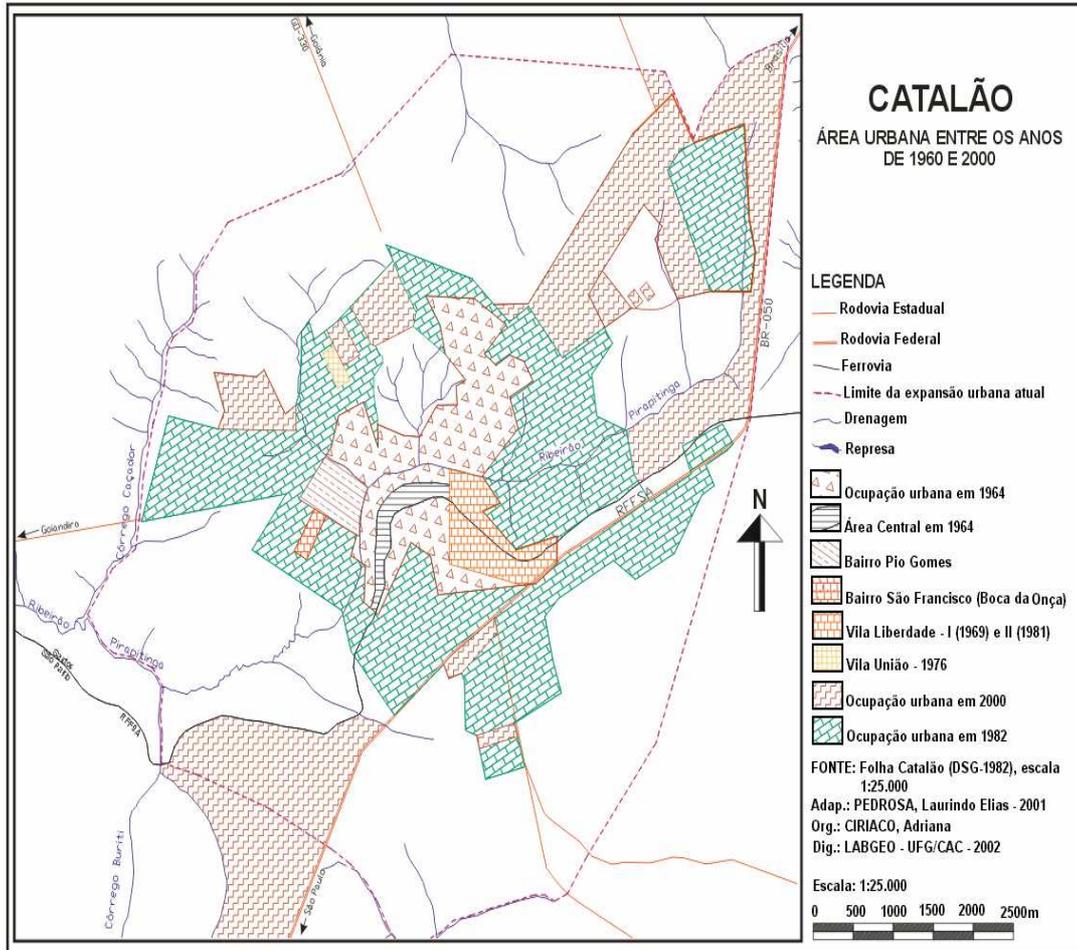
Nessa fala notamos uma cidade com limites territoriais bem estabelecidos: a cidade surge entre a margem esquerda da estrada de ferro e a Avenida 20 de Agosto, espaço que vai até a parte sul que margeia a estrada de ferro no Bairro São Francisco conhecida como Boca da Onça. À esquerda, o bairro Nossa Senhora de Fátima, uns dos mais antigos da região. Certamente os bairros citados são bairros conhecidos pelas histórias do tempo das paragens e dos coronéis.

A imagem da cidade descrita pelo entrevistado contraria o discurso progressista, contudo, não nega as transformações pelas quais a cidade passa nesse período. Apesar das diferenças, essa versão de cidade em metamorfose permeia grande parte das falas de moradores natos e daqueles vindos de outras regiões.

O mapa, elaborado após vasta pesquisa geográfica e leituras de trabalhos de geógrafos locais como PEDROSA<sup>31</sup>, permite uma impressão sobre Catalão e sua extensão urbana entre as décadas de 60 a 2000.

---

<sup>31</sup> PEDROSA, Laurindo Elias. **A apropriação do relevo urbano e suas implicações sócio-ambientais. Um estudo de caso em Catalão GO.** Dissertação de mestrado, Instituto de Geografia, UFU/MG, 2001.



Esta é, graficamente, a cidade de Catalão que vai permanecer até meados de 1970. Se comparada à área ocupada até 1982 (tijolos verdes), houve um aumento de cerca de 150%. Isso não quer dizer que a ampliação do espaço para ocupação urbana seja o mesmo que melhores condições de vida ou bairros habitados, se analisar a tabela da Prefeitura sobre a concessão de alvarás para loteamentos veremos o seguinte:

**Quadro 1: Relação dos loteamentos e anos de concessão de alvarás entre 1969 a 1996.**

<i>Concessão de Alvará (ano)</i>	<b>Loteamentos</b>
<b>1968 – 1974</b> 06 Loteamentos	Vila Liberdade; JK Sul; Américas; Vila Chaud; Leão I; Nicolau Safatle.
<b>1975 – 1976</b> 11 Loteamentos	Nossa Senhora do Rosário; Três Cruzes; CRAC; F. M. Safatle; Elias Safatle; Santa Teresinha; JK; jardim Brasiliense; Cruzeiro I; Vila União; Paquetá.
<b>1977 – 1978</b> 12 Loteamentos	Novo Horizonte; Castelo branco; Vila Erundina; Carpinteiros; Catalão Futebol Clube; Vila Maria; Margon I; Centro; vale do Sol; Jardim Catalão; Santa helena; Jardim Paraíso.
<b>1979 – 1983</b> 11 Loteamentos	Goianiense; Cruzeiro II; São José; Boa Sorte; Pontal Norte; Sâmara; Teotônio Vilela; São Pedro; Universitário; Leão II; Monsenhor Souza.
<b>1986 – 1996</b> 12 Loteamentos	Leão III; Jardim Paulista; Primavera; Sofia; Madres Agostinhas; Margon II; Pontal Norte II; Santo Antônio; Marconi; Av. Raulina; Chácaras do Alvin; Francisco Leão.

Fonte: Departamento de Obras e Serviços Urbanos, Prefeitura Municipal de Catalão-Go.

Na relação mostrada no quadro, não estão inclusos os bairros cujos loteamentos antecedem a década de 60. Por esse motivo, não temos relacionados os bairros Pio Gomes e São Francisco. Contudo, grande parte dos bairros hoje existente foi loteada a partir de 1974, época conhecida pelo progresso “urbano e industrial da cidade”. Isso me leva a refletir sobre a cidade que os novos habitantes da década de 70 e também os anteriores a tal período estão falando em suas entrevistas: cidade em transformação.

Para os moradores, as imagens rememoradas da cidade trazem diferenças marcantes sobre o processo de crescimento e melhoramento dos equipamentos urbanos e também do viver na cidade. Trata-se de algo que é específico das experiências de viver em Catalão num período que antecede a década de 70:

*Eu mudei pra qui em 52, (antes morava e trabalhava na roça)... Aqui tudo era estrada de chão e... Era... Tudo era... Tudo era mato, né? Tinha esse setor aí, [aponta para a Vila Liberdade] era cerrado(...). Quando o prefeito ia mandá arrumá a rua aqui, então, não era de enxada nem nada não eles vinha era de foice bateno as rua tudo de foice<sup>32</sup>.*

O Sr. Tobias é natural de Catalão. Sempre trabalhou no campo, mesmo morando na cidade. Trabalhou também na charqueada. Atualmente é aposentado, mas trabalha como ajudante de pedreiro, cuida da chácara e do antigo prédio onde já funcionou um curtume. Sua visão de cidade se assemelha muito ao campo: bater de foice nas ruas, a diferença entre o passado e o presente de Catalão. Uma experiência ímpar que mostra que não existe apenas uma cidade, várias cidades reconstituídas pelas memórias dos moradores:

---

<sup>32</sup> Entrevista com senhor Tobias de Oliveira, hoje com 73 anos, casado, sete filhos, analfabeto, morador do bairro Pio Gomes, bairro vizinho da Vila Liberdade. Gravada em 06/06/98.

*(...) ali onde é a Vila (Liberdade) era tudo pasto, ali nos Margon, a charqueada funcionava, então eles pegava nessa época assim de matança e punha gado aí pra podê fazê matança lá na charqueada<sup>33</sup>.*

Onde atualmente se localiza a Vila Liberdade, foi pasto para manutenção de bois para a charqueada, até ser construída a Vila. Existiam poucos bairros até esse momento e, com isso, poucos vizinhos, poucos habitantes, relações diferentes das novas formas de convívio desenvolvidas pós-70.

*De 70 pra cá, já tinha miorado. Já tinha aumentado o bairro, já tinha mais casa, já tinha mais população, mais gente. Ali, eles formaro uma granja, hoje aí (aponta para o bairro ao lado esquerdo), aí depois veio aquela companhia e compro e feiz aquelas casa ali né (Jardim Brasiliense – financiado pela Economiza). Ali, no Parque das Mangueiras existia a olaria né, num tinha aquelas casa de jeito nenhum. Mais na frente do Parque das Mangueira, tinha a horta do Seu Dolizor, tinha lavoura de alcalipe (eucaliptos), ese (eles) derrubaro pra fazê as casa, e tinha criação de abeia também<sup>34</sup>.*

A memória se reporta à década de 70, às novas construções, aos novos sujeitos que passam a fazer parte do cenário da cidade. Novas relações de trabalho e imagens de mudanças surgem com grande significado para pessoas que viveram a década de 50 em Catalão. A cidade começa a invadir o campo, “desbravando” o cerrado e transformando-o em bairros, vilas, loteamentos, indústrias e modificando antigas formas de viver e trabalhar. O trabalho no campo foi se distanciando da cidade, apesar de, mesmo na década de 70, constituir o principal ramo de trabalho para os moradores de Catalão.

---

<sup>33</sup> Idem.

<sup>34</sup> Tobías, op cit.

O Sr. Roque Salvino, que veio para Catalão em 74, fala como era a cidade quando ele chegou:

*Tudo era cerrado. O povo prantava arroz aqui (mostra os arredores da Vila Liberdade). Ali onde é essa Vila (Margon) depois dessa avenida, a mulecada pegava enxada e arrancava tatu. Aqui dessa Vila aqui, tirava o tatu e fazia farofa pra come! Aqui não (aponta para a Vila Erundina na saída para Goiandira), aqui era plantação de café. Os outros que tem tudo era cerrado. A Vila Santa Terezinha ali era pasto né?(...)a cidade aqui naquela época era... tinha só o centro ali que era bem habitado né? A 20 de Agosto ali era quase o que é, né? Fizero algumas reforma<sup>35</sup>.*

Nessa fala, o campo emerge novamente como parte indispensável da cidade, como lugar de diversas relações: lugar de lazer, de caçar tatu, de brincadeiras e de produção de alimentos, isso tudo ao lado de casa. Atividades que não existem mais, caçar tatu, hoje, constitui crime, não vemos mais plantações próximas à cidade, o campo está cada vez mais distante. Atividades como a criação de gado ainda são de grande importância econômica para a economia da cidade, principalmente gado de corte. Pude ver, com frequência, gado leiteiro solto pelas ruas da cidade, pastando nos canteiros de avenidas, pois constituem no ganha pão de muitos ex-camponeses que hoje vivem na cidade.

O antigo centro da cidade continua praticamente o mesmo, um pouco mais ampliado. Hoje abrange uma área maior e ocupa também a região ao sul dos trilhos da estrada de ferro. Ao observar o mapa da pagina 36, percebi que até 1970 só abrangia um pequeno espaço entre os trilhos e a região norte.

Dona Maria Pires Correia, conhecida como Fia, é natural da região de Catalão também traz sua concepção da cidade:

---

<sup>35</sup> Roque Op Cit Idem.

*Eu nasci na Mata. Eu vim da mata pra cá. Quando eu vim mesmo, eu num alembro não. Eu sei que eu tinha uns oito anos quando nós veio pra cá pra Catalão. Aí, eu morava no bairro do Pio, na rua Pedro Afonso, essa rua aqui do Alírio(...) energia era uns poste de madeira ainda e umas luzinha muito fraquinha, até quando meu marido vinha aqui em casa, ele sempre falava que se fosse hoje ele não tinha corage porque a rua era muito escura<sup>36</sup>.*

Nesta fala, temos uma moradora do Pio Gomes desde 1954, um dos mais antigos bairros da cidade. Segundo Dona Fia, seu bairro era afastado da cidade e mal iluminado e, se fosse nos dias atuais, até o seu marido, que na década de 60 era seu namorado, não teria coragem de ir até lá por medo do que poderia acontecer num lugar tão escuro. A fala mostra que em outras regiões da cidade havia mais iluminação e que este fato fazia com que os habitantes da cidade, de certo modo, buscassem essas melhorias para os seus lugares de moradia (discutirei mais a fundo no segundo capítulo).

*Era só o São João, o Bairro do Santo Antônio, o São José, o Bairro do Centro, o São Francisco, o centro já tinha. Hospital era só o Nasr Fayad e a Santa Casa, né? O São Nicolau já é bem mais novo, né? É de 70.*

Segundo a moradora, a cidade se resumia, até meados de 70, basicamente a cinco bairros e dois hospitais. A lembrança dos hospitais remete às experiências cotidianas de crianças doentes e da busca por atendimento médico. Mesmo ela não tendo tido problemas para ser atendida, o sofrimento de crianças chorando e doentes é ponto de referência para suas lembranças.

---

<sup>36</sup> Maria Pires Correia, Dona Fia, nasceu em 08/08/1948, casada, cinco filhos, Dona de casa, fez o curso primário. Entrevista gravada dia 08/07/2002.

A vinda dessas pessoas para Catalão, assim como acontece na maioria das cidades brasileiras, ocorre através das relações de trabalho, que podem ser as mais diferentes possíveis. Mas, as necessidades de sobrevivência e os vínculos pessoais vão fazendo com que essas pessoas se fixem na cidade, criem raízes, famílias e contribuam para a construção da cidade.

*Na época, nós tínhamos umas lojas de eletrodomésticos. Mas... até na época também, o proprietário e o produto que era oferecido era muito diferente. Naquela época, quase não tinha, hoje estão brigando por causa de trem... Era loja de roupa, de proprietário da região. Não era igual Casas Bahia, Mig, não. Era tudo da região, tinha pernambucanas, diversos agricultores<sup>37</sup>.*

As fontes apresentam uma cidade reconstruída nas memórias, Jozelito relata como era o viver na cidade, o que a cidade tinha para oferecer. Ele descreve um setor comercial tipicamente interiorano, cujos comércios visavam atender às necessidades locais. Era formado basicamente por proprietários da região que ofereciam produtos de primeiras necessidades, como alimentos, vestimentas e produtos agrícolas. É possível visualizar também a chegada de grandes lojas como as Casas Pernambucanas, símbolo das grandes cidades na década de 70, mostrando o “progresso chegando à região”. Toda essa onda consumista, de grandes empresas, de roupas ou de eletrodomésticos, estava começando a fazer parte da vida dos cidadãos catalanos. Essa é a cidade recordada por Jozelito, comparada em relação à cidade que ele conhece hoje.

Os relatos dos entrevistados misturam elementos da cidade vivida no passado, construída a partir de diversas relações sociais, e da

---

<sup>37</sup>Jozelito. Op cit.

cidade que hoje permeia o imaginário desses moradores. As lembranças do Sr. Jozelito - que veio de uma outra região, de uma cidade que na época em questão e atualmente, já era maior e mais urbanizada que Catalão - selecionadas por aspectos que marcaram o viver deste sujeito. Apesar de ter vindo ainda garoto, presenciou duas realidades de morar, o deslocamento, a ausência do pai, o crescimento da cidade, novas relações de sociabilidade.

*Aqui quando começou essa empresa era difícil demais esse negócio de funcionário, principalmente profissional. Pro ce vê, aqui era na rodoviária, nessa rodoviária do São João, todo canto era placa anunciando que precisava de encanador, soldador, pra montagem, né? Era raríssimo chegá um aqui e trabalhá no braçal. Porque esse povo que vem de fora num liga nada, muitos num tinha profissão e queria arrumar uma boca pra trabalhar, mais num tinha profissão<sup>38</sup>.*

A partir desta fala, pude estabelecer um diálogo entre os discursos que são construídos sobre a população catalana do período em questão e o discurso de progresso que segrega alguns segmentos sociais. Não eram todos os trabalhadores que eram bem-vindos à cidade. As “facilidades” somente eram oferecidas àqueles que atendessem às demandas para o trabalho nas mineradoras e em cargos específicos que exigiam uma qualificação e experiência anterior. Como sabemos, muitos trabalhadores, locais ou de outras regiões que não se encaixavam nestes quesitos, não tiveram acesso ao trabalho ou a cidade.

Segundo os entrevistados, nesse período a cidade vai se remodelando e abrindo caminho para a modernização. As mudanças se

---

<sup>38</sup>Roque Salvino de Medeiros, 71 anos, natural de Caicó-RN, casado, sete filhos, veio para catalão em 1976 pra trabalhar na Mineração, a família veio uma no depois. Morador da Vila Liberdade desde 77. Aposentado por invalidez.

efetivaram a partir da pavimentação da BR 050, da implantação da Mineração Catalão, cuja produção é escoada também pela ferrovia, e da urbanização da cidade - aumento o número de loteamentos, aumento do número de habitantes, asfaltamento, iluminação elétrica, abastecimento de água e telecomunicações, entre tantos outros.

É também o momento em que políticas de desenvolvimento local e nacional são implementadas na cidade. O momento é de construção de uma imagem para Catalão, veiculada por meio da imprensa, dos livros de memorialistas locais e de historiadores que procuram mostrar o desenvolvimento e progresso da cidade.

Os entrevistados apresentam o momento de construção da cidade, com muita coisa ainda por ser feita. Momento de intensas transformações sociais e também urbanas, “novidades” nos equipamentos públicos que se transformaram em necessidades para os moradores da cidade, gerando disputas pelo espaço da cidade. Isso mostra que o processo não foi tão tranquilo quanto é apresentado pela mídia. Muitos trabalhadores ficaram desempregados, muitos foram expropriados de suas terras e até mesmo do centro da cidade.

As experiências vividas no cotidiano dos trabalhadores, somadas aos frios dados estatísticos, revelam que as necessidades cresceram muito mais rápido que a propaganda de progresso. Surge, daí, a necessidade de reordenação, de ampliação do espaço urbano, de modificações no sistema de abastecimento de água, energia, comunicações, etc.

Com base no quadro abaixo, pude perceber dados relativos a evolução populacional de cidade nas décadas de 1960, 1970 e 1980 mostra o seguinte: na década de 60, a cidade possuía 26.652 habitantes, destes, 56% viviam no campo. Na década de 70, Catalão possuía 27.390 habitantes, 56%

deles viviam no centro urbano. Na década de 80, a cidade possuía cerca de 39.194 habitantes, com 78,3% vivendo no centro urbano. A população catalana cresceu cerca de 50% entre as décadas de 60 e 80, e com ela, também cresceram as demandas sociais por melhorias nos serviços públicos.

**Quadro 2:** Evolução da População Urbana e Rural do Município de Catalão entre 1960 a 1996<sup>1</sup>.

Anos	População total	População urbana	Evolução da dinâmica populacional urbana em %		População rural	Evolução da dinâmica populacional rural em %	
			Período	Evolução		Período	Evolução
1960	26.098	11.634	60 a 70	14,79	14.464	60 a 70	- 6,56
1970	27.318	13.335	70 a 80	129,83	13.983	70 a 80	- 22,74
1980	39.168	30.695	80 a 90	53,52	8.473	80 a 90	- 4,92
1991	54.486	47.123	91 a 96	10,19	7.363	91 a 96	- 7,10
1996	58.507	51.925			6.582		

Fonte: Censos demográficos IBGE 1960, 1970, 1991.

Esses dados contribuem para o estudo das transformações ocorridas em Catalão nesse período e as alterações no modo de produção que levaram a muitas mudanças no âmbito do trabalho e das relações sociais entre os catalanos e brasileiros em geral. A cidade não se encontra desvinculada de um contexto maior. Esse período recortado pelos entrevistados mostra o movimento de êxodo rural e, conseqüente, o inchaço urbano, os programas governamentais de incentivo a industrialização e à exportação e, sobretudo, mostra como os trabalhadores lidaram com essas mudanças.

Com isso, podemos ver melhor o porquê se fez tão necessárias às reformas divulgadas pelos políticos locais do período em questão. A cidade não melhorava para todos, muitos ficavam de fora das políticas públicas de melhoramentos urbanos. Os moradores reivindicavam benefícios para todos. Para os governantes, tudo não passava de previsões do futuro crescimento urbano.

Na prática, os moradores já vivenciavam muitos problemas trazidos pela diferenciação no trato com progresso, todos querem acesso ao progresso. Esta é a grande luta por delimitar espaços, por pertencer à cidade. Isso fez e faz a diferença quando lidamos com a idéia de cidade em construção, pois os sujeitos que atuam nesse contexto contraditório da produção do espaço urbano não são apenas projetistas ou governo, são os moradores com seus problemas reais e a busca de suas soluções.

Na fala do Sr. Silvio Paschoal, pude perceber como a população reclamava por mudanças:

*O pessoal de Catalão na época que eu fui prefeito, eles acreditavam muito em mim. Eu, realmente, no exercício de minha profissão e mesmo quando nos fomos diretores do CRAC (Clube Recreativo Atlético Catalano), conseguimos levar o CRAC para a 1ª divisão, e depois conseguimos fazer do CRAC um campeão goiano. Então, tinha realmente uma certa confiança em nós. Não só em mim. Em mim e no Ênio. Eu sentia que nós poderíamos realizar um bom trabalho<sup>39</sup>.*

Mesmo não querendo se referir às condições da cidade e à população que reclamava, deixa passar a idéia de que muito tinha por ser feito pelos moradores de Catalão. Os vários cargos exercidos na cidade - como vereador, médico, um dos fundadores da Santa casa de Misericórdia de Catalão, diretor do CRAC (no período em que o time foi campeão goiano) - fizeram com que fosse bem votado e que tivesse o apoio popular para se eleger prefeito. O Sr. Silvio contou, ainda, com o apoio do seu irmão Ênio Paschoal, que era deputado no mesmo período.

---

<sup>39</sup> Silvio Paschoal, nascido em Catalão, ex-prefeito na década de 70, médico formado numa universidade federal do RJ, com grande atuação no setor de saneamento de Catalão. Atualmente reside em Goiânia, onde ocupa o cargo secretário da Tesouraria do Estado de Goiás. Goiânia, 20/10/2001.

Ser diretor do CRAC parece ter sido muito importante. Mostra que os trabalhadores necessitam de algo mais que trabalho, precisam também de distração, de esporte, de lazer e, sobretudo, de condições favoráveis para viver na cidade: saúde, educação, moradia, lazer e trabalho.

Após sua eleição, o prefeito se auto-intitula um governo municipal “nervoso e dinâmico”. A manchete do Jornal Cinco de Março (1973) é:

***O LEMA DO PREFEITO É TRÊS ANOS EM 17 DIAS. Prefeito de Catalão Inaugura Nova Sede (Provisória) mais funcional, mais confortável. Cerimônia de inauguração da nova sede da Prefeitura Municipal de Catalão, (atual Secretaria Municipal de Saúde), que posteriormente deveria vir a ser a Biblioteca Municipal. Segundo o mesmo jornal, este era um local usado por mendigos, mas a inauguração da nova Sede livrou a cidade de um foco de vagabundagem<sup>40</sup>.***

A matéria revela um governo com projetos de reformas para melhoramento urbano, cuja preocupação central é atender as novas necessidades industriais da região e abrigar o progresso das novas indústrias, principalmente as Mineradoras. Mostra também que, nesse período, Catalão já apresentava problemas oriundos do progresso, como a marginalização de alguns segmentos sociais. Pessoas que acabam se tornando andarilhas, desocupadas, problemas que devem ser resolvidos pelos governos locais, para melhorar a aparência da cidade perante o desenvolvimento.

A matéria jornalística defende a idéia de “saneamento humano”, permitindo pensar problemas sociais que existiam e existem em qualquer sociedade capitalista. Estes problemas resultam de embates sociais, de lutas, de disputas políticas, de resistência a projetos de modernização. O

---

<sup>40</sup> Jornal Cinco de Março de fevereiro a março de 1973, relatando o governo do prefeito 73/77 Sílvio Paschoal.

texto remete também a maior atuação desse prefeito que defendia um projeto de higienização e saneamento da cidade. Sua maior obra foi a canalização do Ribeirão Pirapitinga, que teve início em seu governo e, continua a ser desenvolvida até os dias atuais. Existiam outros projetos que foram silenciados e que também visavam o progresso da cidade talvez sem ter que espoliar os trabalhadores ou mesmo limpar a cidade de sua presença. Conflitos entre moradores e poder público sempre estiveram presentes ao cenário urbano de Catalão.

O trecho da reportagem citado antes, se comparado à passagem anterior de análise sobre “os vagabundos”, possibilita-me pensar que havia uma proposta de progresso propagandeando a industrialização, cujo atrativo para a população trabalhadora seria a perspectiva de emprego, como por exemplo, em Catalão. Contudo, pode-se depreender que nem toda mão de obra existente estava dentro dos projetos do mercado. Os trabalhadores do campo que estavam à procura de emprego não faziam parte, pelo menos num primeiro momento, dessa proposta. Buscava-se um determinado tipo de mão de obra - o trabalhador acostumado a uma disciplina industrial do trabalho e, não, o trabalhador habituado a um tempo natural de trabalho, como é o caso dos ex-lavradores, que muito sofreram e ainda sofrem com o processo de modernização.

Catalão era divulgada como pólo de desenvolvimento de Goiás. O governo municipal contribuiu muito para o desenvolvimento desse projeto de desenvolvimento urbano e industrial com a ampliação da rede de ensino, construção e melhoria das quatro rodovias: Catalão/Davinópolis, Catalão/ Ipameri, Catalão/ Goiandira, Catalão/Ouvidor/Três Ranchos. Incentivou a agropecuária, recuperou e cascalhou ruas, abriu bairros, reformou o aeroporto, promoveu o desenvolvimento da agropecuária sul-

goiana com a abertura de uma loja Agropecuária Sulgoiana em Catalão, fornecedora de herbicidas, produtos veterinários e pecuários, capina química e venda de tratores. O ex-prefeito faz questão de enfatizar seu trabalho que, no período, foi muito bem divulgado por jornais regionais e revistas<sup>41</sup>.

Catalão começa a apresentar características de crescimento, mas precisa também atrair investimentos governamentais para crescer, precisa ser mais “urbanizado” e, sobretudo, precisa acalmar os ânimos das camadas populares, que vivenciavam o “crescimento” da cidade e o abandono do setor social e de infra-estrutura. Desse modo, Catalão cresce, mas crescem também os problemas urbanos. Transparecem os conflitos e as divergências. O embate entre moradores e poder Público Municipal causou preocupação em organizar o espaço urbano e levou o Governo Municipal de 73/77 a elaborar um Plano Ordenador da cidade e levou, que só foi concluído em 1977 e implantado com modificações em 1989. Trata-se de um projeto de ordenação do espaço urbano com o objetivo de “promover o crescimento ‘harmonioso’ possibilitando a implantação e manutenção de empresas na região, a longo, curto e médio prazo”<sup>42</sup>.

Contou com o apoio do Instituto Nacional de Desenvolvimento Urbano (INDUR), com o Consórcio Planjeto-Átrio e o próprio município. O objetivo era por ordem no crescimento desordenado da cidade, controlar as massas e, fundamentalmente, atrair investimentos governamentais e privados para a cidade.

Todo o governo de Silvio Paschoal foi extremamente documentado. A maioria dos artigos de jornais, revistas e fotografias utilizados neste trabalho, foram parte de seu acervo documental particular. As benfeitorias, as modificações, os projetos de desenvolvimento urbano da

---

<sup>41</sup> Revista Panorama, de agosto de 1975.

<sup>42</sup> Trecho extraído do Plano Ordenador do Espaço Urbano.

cidade foram uma preocupação constante de Silvío Paschoal buscando um desenvolvimento industrial para Catalão. Contudo, em momento algum se remete ao “povo” como parte integrante da cidade. Após muita insistência de minha parte na entrevista, ele diz:

*O povo pedia água, asfalto, telefone, energia elétrica. Hoje é indústria, hoje o povo pede emprego e não a corrupção. Mas se não tivesse a infra-estrutura não teria indústria<sup>43</sup>.*

Nesta fala, mostra que não era apenas um projeto de antecipação do futuro da cidade que fez com que o prefeito tivesse tantas propostas. As solicitações públicas, os sujeitos catalanos, invadem a cena urbana e aparecem como ativos exigindo que suas necessidades sejam atendidas. Muito além dos projetos nacionais voltados para o desenvolvimento industrial, mas nas necessidades cotidianas do viver na cidade.

*Catalão tinha... um crescimento muito lento. O crescimento de Catalão era muito lento. Um comércio muito ruim, então o que desenvolveu Catalão na realidade são as mineradoras. Aumentou a população... Quer dizer Catalão cresceu em 10 anos o que ela não cresceu em 100, 90 mais ou menos...O mercado de trabalho, na época, era muito reduzido. O próprio tamanho da cidade fazia com que isso acontecesse, né? Não tinha muitas fontes de emprego. Mas com essas empresas vindo pra Catalão, o que é que aconteceu, houve um crescimento generalizado, né? Começou a abrir mais supermercados. Supermercados mais potentes, lojas mais potentes, lojas grandes. Quer dizer, isso foi desenvolvendo o pessoal, as próprias empresas foram crescendo. Tivemos na época de ouro da Goiásfértil um governo que tinha muita gente (risos). Tudo isso deu pra absorver bem na época o pessoal. Que tava precisando de trabalhar. Hoje, não. Hoje, as empresas continuam crescendo, mas com uma número de funcionários reduzido. Hoje, trabalhamos, as empresas*

---

<sup>43</sup> Silvío Paschoal, op cit.

*trabalham com o número de funcionários bem reduzido em relação àquela época, de décadas passadas. E hoje o desemprego, provavelmente, seja maior do que na época que nós viemos pra cá*<sup>44</sup>.

Segundo Jozelito, a cidade não tinha muita perspectiva de progresso antes da chegada das mineradoras. Mas, com o desenvolvimento das empresas, a cidade passou por uma onda mais rápida de mudanças, aumento do número de lojas, hospitais e escolas. Entretanto, as ampliações no campo dos novos empregos continuaram reduzidas, principalmente, quando falamos da terceirização das empresas na década de 90 e a redução do número de funcionários e da utilização de novas tecnologias. Nota-se, nessa fala, que este sujeito reviu alguns de seus conceitos de crescimento e desenvolvimento. O progresso, que antes era visto como novas oportunidades de melhorias, hoje já não tem a mesma conotação. Catalão cresceu, melhorou em muitos aspectos, tornou-se uma “cidade”, ao contrário de quando se mudou, pois não a via assim.

*Naquela época, aqui em catalão não era ruim de serviço não. Quer dizer, tinha muita gente que dispensava, não queria firma como a nossa, eles era muito ligado a lavoura né, ao trabalho do campo. Tinha serviço demais. Agora depois é que foi que o povo foi vino pra cidade aí já queria essas nossa que veio pra cá que era o minério, aí já não tinha como...*<sup>45</sup>

As oportunidades de emprego, possibilidades de construir uma vida digna, aparecem nesta fala. Mostra também que nem todos enxergavam na proposta de crescimento uma forma de melhorar de vida. Muitos moradores da cidade não viam com bons olhos os serviços em empresas que estavam em constante mudança de uma região para a outra.

---

<sup>44</sup> Jozelito, op cit.

<sup>45</sup> João Santana, op cit.

Temiam a falta de estabilidade por desconhecerem esse tipo de trabalho e de trabalhadores.

Não posso me esquecer de que muitos desses trabalhadores que viviam no campo foram expropriados para a construção da rodovia e das mineradoras, muitos perderam seus meios de sobrevivência e tiveram de se adaptar a novos meios de trabalho. Com o passar dos anos, muitos trabalhadores catalanos procuraram por uma vaga, mas “aí já não tinha como”, pois eles não estavam adaptados a esse tipo de trabalho e não possuíam as qualificações necessárias para ocuparem cargos nessas empresas, a não ser em alguns cargos de serviço braçal.

*Houve uma preocupação muito grande do Município, do prefeito na época, dos prefeitos da época, de melhorar Catalão e dar uma assistência melhor a esses bairros, principalmente o bairro aqui da Vila Liberdade porque o município necessitava desse pessoal para que pudéssemos desenvolver a economia de Catalão e Ouvidor, né? (fala com um tom de voz mais baixo). E, naquela época Ouvidor já tinha até, eu não tô muito lembrado mais dos detalhes, parece que Ouvidor tinha já até oferecido uma área para que a empresa construísse umas casas em Ouvidor. Quer dizer, sem essa, se tivesse acontecido isso, seria uma perda muito grande pra Catalão. Não é que Catalão não ia crescer, mas Ouvidor ia pegar boa fatia. Quer dizer, na época, houve uma preocupação muito grande de melhorar Catalão, que Catalão, com a vinda dessas empresas cresceu muito mais rápido do que a média do país na época, né? Era assustador, Catalão crescia, crescia, melhorava em todos os sentidos<sup>46</sup>.*

Os conflitos não aparecem apenas como disputas pelo espaço urbano, por emprego. Surgem também disputas políticas em torno do desenvolvimento da cidade. Essa disputa entre Catalão e Ouvidor também é parte de um intenso debate entre prefeitos pela arrecadação das empresas

---

<sup>46</sup> Jozelito, op cit.

mineradoras e pelo abrigo aos moradores. Esse embate fez com que fosse investido cada vez mais em infra-estrutura na cidade de Catalão, o que possibilitou melhorias para a população, mas, fundamentalmente, dinheiro para os cofres municipais. Essa disputa marca o discurso de muitos prefeitos da cidade, desde Silvio Paschoal até o prefeito atual, que desejavam melhorar para modernizar e industrializar.

Para justificar a vinda de trabalhadores de outras regiões para as minerações, o discurso oficial era, e ainda é, que não se tem mão de obra especializada na cidade. Portanto, faz-se necessário a utilização de trabalhadores de outras regiões com experiências anteriores. Tal discurso legitima a exclusão de parcela da população de Catalão ou, mesmo de outras regiões, das possibilidades de emprego nas empresas que se instalaram aqui na década de 70. O progresso imposto de cima para baixo não abre espaço para o desenvolvimento social - era necessário (e mais barato) utilizar trabalho experiente e habituado a um ritmo de trabalho industrial, diferente do ritmo de trabalho dos trabalhadores do campo existentes em Catalão e região.

Apesar dos novos empregos vindos na década de 70 com a pavimentação da BR 050, e as mineradoras, muitos trabalhadores catalanos continuaram sem emprego.

*E aqui, na época, em Catalão não existia mão de obra especializada em extração de minério, em usina. Usina que a gente fala é o quê? É concentração de minério, nós não tínhamos na região pessoas especializadas, então o que é que foi feito? Como lá no Nordeste existia essas mineradoras há muitos anos, então foram, transferiram aquelas pessoas chaves de repente de algumas empresas lá pra cá, pra ensinar o pessoal. E, hoje não, hoje nós temos profissionais bons lá da região mesmo<sup>47</sup>.*

---

<sup>47</sup> Jozelito, já citado.

A justificativa se fez sobre a falta de mão de obra especializada, motivo pelo qual vieram muitos trabalhadores principalmente, do Norte e Nordeste, que já possuíam experiência em extração mineral. Alguns desses trabalhadores mantêm esse discurso vivo, como forma de mostrar, talvez, que não vieram para o sul como muitos de seus conterrâneos, pois vieram empregados e, não, em busca de empregos em lavouras ou coisa do gênero.

Com o decorrer dos anos e desenvolvimento do setor de formação de mão-de-obra na cidade, abriu-se espaço para outros trabalhadores locais. Um problema implícito neste discurso da falta de mão de obra é a inexperiência dos trabalhadores do campo com a atividade industrial, com horário a seguir e regras diferentes do trabalho no campo. Resolver este problema levaria tempo. Assim sendo, trazer trabalhadores de outras regiões foi a solução. Com isso, muitos trabalhadores da região continuaram sem receber os benefícios do progresso.

*Eu já vim convidado né! O cara me chamou, falou, pode vim porque lá nos tamo precisano de muita gente. Aqui quando começou essa empresa, era difícil demais esse negócio de funcionário, principalmente profissional. Pro cê vê aqui, era na rodoviária, nessa rodoviária do São João, todo canto era placa anunciando que precisava de encanador, soldador, pra montagem, né. Era raríssimo chegá um aqui e trabalhá no braçal, por que esse povo que vem de fora, assim, eles num liga nada. Muitos num tinha profissão e queria arruma uma boca pra trabaiá, mais num tinha profissão. Aí depois de pouco a pouco foi começano (...). Na época quando nós chegamo, a gente trabalhava demais nessa empresa. Meu contrato com o pessoal era muito menos, a gente trabalhava quase todo dia até dez hora da noite. Era comum, a gente saía de lá nove e meia e chegava aqui dez onze horas. Domingo trabalhava quase*

*todo mundo. Naquela época, eles precisavam de mão de obra demais, né!*<sup>48</sup>

Esse é um trecho da entrevista com o Sr. Roque, que veio de Caicó (RN) para Catalão, em 1975, para trabalhar na implantação da empresa de mineração. Assim como vários de seus conterrâneos, ele veio com emprego garantido, havia trabalhado numa empresa do mesmo grupo de mineradoras em Caicó, que na época estava se mudando para Goiás e convidou alguns funcionários para virem para Catalão. Essa forma de vir para Catalão é relatada com certo grau de engrandecimento, pois diferente de muitos outros conterrâneos que vinham tentar a sorte no sul, Sr. Roque e outros já vieram empregados.

O Sr. Roque também veio convidado pelo mesmo motivo, falta de profissionais habilitados em mineração. Ele lembra também a propaganda em busca de trabalhadores especializados em montagem industrial e outros ramos, mostrando que as oportunidades não eram para quem queria ou precisasse de emprego, mas para aqueles que estavam sendo procurados para preencher as vagas.

Em contrapartida, o entrevistado fala das condições de trabalho nessas empresas e do alto nível de exploração dos trabalhadores que eram convidados para o serviço. A jornada de trabalho ultrapassava mais de dez horas por dia. Apesar de precisarem de muita mão de obra para desenvolver o serviço, empregavam poucos trabalhadores e os exploravam ao máximo. O Sr. Roque sofreu três acidentes de trabalho, segundo ele, por excesso de trabalho. Em um desses acidentes ele perdeu a visão do olho direito.

---

<sup>48</sup> Roque, op cit.

Ele chama à atenção para a necessidade do discurso da falta de mão de obra. Talvez fosse uma forma de explorar o trabalho desses pais de família, dando um falso valor para sua necessidade na empresa. “você é um dos poucos profissionais que encontramos para essa atividade<sup>49</sup>” diziam. Por isso trabalhavam mais de 12 horas por dia, porque não tinha ninguém para substituí-los. Com isso, enalteciam, de certo modo, a figura do trabalhador e “forçavam-no” a exercer jornadas estafantes. Hoje, o discurso mudou, mas a exploração do trabalhador continua. Há um grande número de profissionais desempregados e poucas vagas de emprego. Além disso, evidencia um processo de intensa exploração do trabalho excedente desses sujeitos, que dispensaram sua vida e saúde para “promover o progresso de um lugar”.

Com o decorrer dos anos e com o crescimento da nova geração de trabalhadores com cursos profissionalizantes, a população que não tinha mais o trabalho no campo, ou que buscava melhores formas de trabalho, começou a disputar espaço nas empresas com os profissionais de “fora”, que já não são mais de fora, mas fazem parte, agora, da formação social da cidade.

É nesse meio que visualizo como muitos desses trabalhadores vieram para Catalão: trabalhando ou em busca de emprego, “expulsos do campo” ou em busca de melhores condições de sobrevivência. Incentivados por uma propaganda de progresso que só atendia aos interesses da burguesia. Foi num contexto de lutas e dificuldades que as memórias desses sujeitos sobre a cidade foram construídas.

---

<sup>49</sup> Sr. Roque, op cit.

## CAPÍTULO II

### VIVER URBANO: TRABALHO, CONFLITOS E TENSÕES.

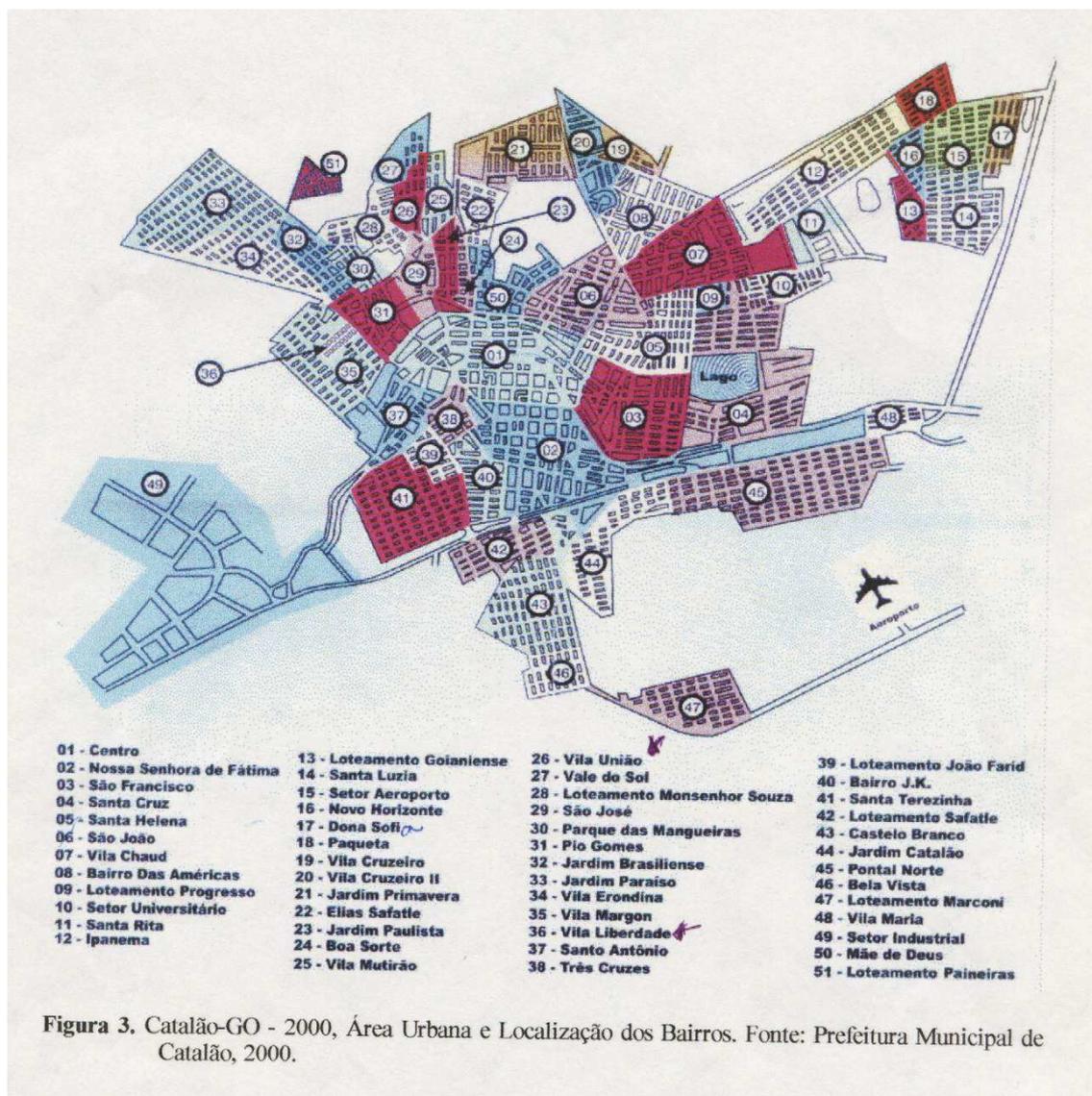


Figura 3. Catalão-GO - 2000, Área Urbana e Localização dos Bairros. Fonte: Prefeitura Municipal de Catalão, 2000.

No capítulo anterior, procurei apresentar Catalão no contexto da década de 1970 em sua multiplicidade de práticas sociais. Busquei compreender as experiências vivenciadas pelos moradores das Vilas União e Liberdade e do Bairro Pio Gomes, contextualizadas no momento histórico em questão. Saliento que essa década fora de muitas mudanças na organização social e estrutural da cidade, tais como as políticas públicas de melhoramento urbano, as necessidades dos moradores, a cidade encontrada pelos migrantes, o processo de formação da maioria dos loteamentos. Neste momento, a propaganda de cidade como pólo de desenvolvimento e rápido progresso aparece como um teatro<sup>50</sup>, buscando uma padronização de interesses e visões sobre a mesma.

Neste capítulo, nossa preocupação é entender como os trabalhadores vivenciaram as mais diferenciadas e, muitas vezes, precárias condições de existência na cidade. E, ainda, desvendar quais as práticas políticas foram desenvolvidas para superar a experiência conflituosa entre as expectativas trazidas pelos trabalhadores e a realidade encontrada.

Com as modificações nas relações urbanas e a construção de novas Vilas, como a Liberdade, esse, sem dúvida, é um momento importante para eles, pois marca mudanças na forma de perceber a cidade e as diferenças de tratamento do poder público a partir de interesses específicos como o financiamento da Vila. Essas pessoas se reconheceram enquanto pertencentes à cidade e, portanto, com os mesmos direitos de acesso aos equipamentos urbanos. Os trabalhadores vivenciaram as mais diferenciadas e muitas vezes precárias condições, como mostra a fala do Sr. Zé Preto:

---

<sup>50</sup> Cf. THOMPSON, E.P. *folclore, antropologia e história social*. In: **As peculiaridades e outros artigos**. Antônio Luigi Negro (org) Ed . UNICAMP, 2001.

*Eu trabalhava no frigorifo pro Leovil. Eu num queria vim. Ele brigou comigo e fez eu vim pra cá<sup>51</sup>.*

O Seu José Preto veio para Catalão, em meados da década de 1960. Morou primeiramente na região central da cidade - ou mais próximo do centro -, trabalhou no frigorífico, em fazendas, depois, na Mineração Catalão. Quando José Preto relata como adquiriu sua casa na Vila Liberdade, apresenta uma certa resistência em se mudar para o local.

Se utilizarmos o mapa da evolução urbana de 60 a 2000, na página 36, referente à localização dos bairros e à área de ocupação urbana no período relatado por Sr. José, entenderemos, talvez em partes, o motivo dessa atitude. Trata-se de um loteamento construído do outro lado do ribeirão Pirapitinga, onde não havia ponte ou canalização, apenas pinguelas para efetuar a travessia. Ficava isolado do centro urbano, entre pastos e plantações de café, que somente foram habitados em fins da década de 70. O único bairro próximo era o Pio Gomes, situado em frente à Vila Liberdade, porém continha apenas algumas casas.

Encontramos alguns moradores, especialmente aqueles que já viviam em Catalão antes da construção da Vila Liberdade, como o Sr. Zé Preto, falando da resistência em adquirir uma casa na Vila. O motivo dessa resistência é a contradição do crescimento “ordenado” da cidade e a “exclusão do trabalhador do acesso à cidade”, pois se tratava de um bairro isolado, “no meio do mato”, longe da cidade e do trabalho, o que dificultava, ainda mais, a vida desses trabalhadores e, principalmente, da percepção deles sobre sua condição de excluídos<sup>52</sup>.

---

<sup>51</sup> Jose Fernandes Barbosa, op cit.

<sup>52</sup> Cf. CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **A Política dos Outros** – o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. SP: Brasiliense, 1984. SADER, Eder. **Quando Novos Personagens Entraram em Cena**. SP: Paz e Terra, 1991.

Os problemas causados pelo crescimento e as mudanças na área urbana, rural e de trabalho, transparecem na fala:

*Tinha problema de asfalto. Uma pueira né! Ai meus menino doente. Mais doente mesmo, numa pobreza danada!*<sup>53</sup>

As condições de vida dos moradores pobres eram em geral difíceis, o que causava constantes problemas de saúde, principalmente, nas crianças. Essa fala do Sr. Zé Preto mostra uma cidade com poucos recursos para o bem estar do trabalhador, principalmente pela falta de asfalto e os problemas que ela acarreta aos trabalhadores: problemas respiratórios, primordialmente nas crianças. Motivo de constantes reclamações da população.

Os espaços reservados aos trabalhadores na cidade careciam de melhoramentos e infra-estrutura. No entanto, só no início da década de 80 serão “agraciados” com o asfalto e melhor abastecimento de água. Isto foi, e ainda é, um dos principais conflitos entre poder público e moradores, especialmente dos bairros mais pobres.

Espaço de múltiplas relações, apresentando o contraste das cenas de vida urbana e as imagens positivas de progresso de Catalão - a cidade em disputa. São imagens de uma cidade que foi sendo construída com o trabalho e a permanência dessas pessoas nordestinas, goianas, sulistas, ou outros. Trabalhadores rurais e urbanos que foram vivendo e dando significado ao viver urbano, ao pertencer à cidade, a partir de suas trajetórias de vida e trabalho.

*Não tinha uma venda, num tinha farmácia, num tinha nada. Então, quem morava aqui no bairro tinha que atravessá*

---

<sup>53</sup> José Preto, já citado.

*naquele ribeirão, tinha uma pinguela num tinha ponte. Então passava dois rego d'água depois o reberão (Pirapitinga -antes da canalização que teve início em 75). Então cê tinha que í do outro lado no Farid – era o armazém melhó que tinha aqui mais perto. Então, ia lá no Farid pra fazê compra, então aqui num tinha um armazém, num tinha nada. Então cê atravessava essas três pinguela e ia lá pra fazê compra, quando tava de chuva cê ficava de lá porque o córgo enchia, era aquela dificuldade!*<sup>54</sup>

Nesta fala, o Sr. Osvaldo, morador do Bairro Pio Gomes desde 1948, apresenta como era viver na cidade antes de meados da década de 70. Uma vida típica de cidade pequena, com poucas ruas, poucas lojas e um pequeno comércio local. A canalização do ribeirão Pirapitinga possibilitou a ligação entre os bairros Pio Gomes, Vila Liberdade e Centro e fundamentalmente entre as pessoas e as atividades citadinas. O aceso à cidade tornou-se mais rápido e as novidades da urbanização foram se transformando em necessidades para a maioria dos trabalhadores moradores da cidade de Catalão.

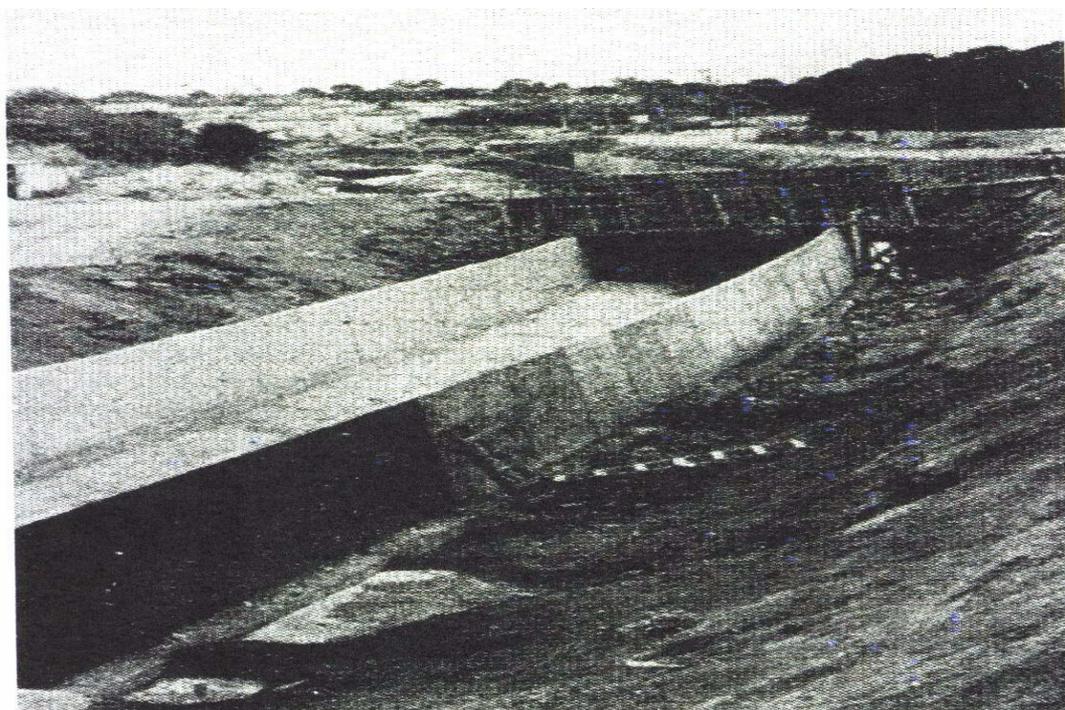
A construção de uma ponte substituiu três pinguelas, o que facilitou a vida dos moradores, aproximando-os do comércio, do trabalho (em alguns casos) e do Centro Administrativo da cidade. Essas mudanças alteraram significativamente os modos de vida desses moradores no que se refere ao relacionamento com o poder público.

---

<sup>54</sup> Osvaldo, op cit.



Prefeitura Municipal de Catalão, inicia obras de canalização do Ribeira Pirapitinga.



55

---

<sup>55</sup> Imagens do Ribeirão Pirapitinga, antes e após o início da canalização. Extraídas do trabalho de SILVA, Silvia Aparecida Davi. **Discurso médico e prática Política na Cidade de Catalão.** Monografia Apresentada ao Curso de História pela UFG/CAC, 1999.

As dificuldades enfrentadas por esses moradores foram superadas com muito trabalho e sofrimento, na luta pelo espaço urbano, pela busca do pertencimento à cidade.

*A cidade cresceu bastante, demais mesmo, né? Era tudo de terra né? Hoje em dia já tá bonita, tudo asfaltada, limpinha. A energia também era fraquinha, a luz não tinha em todos os bairro também não. Inclusive onde eu morava mesmo no bairro do Pio não tinha, era poucas casa, rua escura, tudo escuro a rua. Inclusive antigamente era mais fácil, hoje em dia é mais difícil da gente pegá uma casa dessas. Quando a gente pegô aqui, foi meu marido mesmo que escolheu a nossa, quando foi a inauguração aqui a gente já sabia o quê que era da gente<sup>56</sup>.*

O bairro referido nessa fala e na fala anterior, Pio Gomes, possui uma trajetória muito rica em lutas sociais, pois só vai receber energia e água encanada após a construção da Vila Liberdade. Observando a figura do início deste capítulo, ou mesmo o mapa de evolução urbana do capítulo anterior, veremos que o Bairro Pio Gomes fica à direita da Vila Liberdade. Por ser um dos bairros mais antigos da cidade, seus moradores presenciaram, de longe, o processo de urbanização e saneamento da cidade.

Contudo, com a construção da vila Liberdade, os moradores do Bairro Pio Gomes viram, em sua maioria, todos os esforços da administração municipal em por em prática o projeto de um bairro planejado. As casas foram projetadas com o mesmo desenho, ruas geometricamente traçadas, abastecidas com água encanada e energia elétrica. A cidade se modificava. Passou a ter asfalto, iluminação, lojas, empregos, empresas de extração mineral, “progresso” sinônimo de prosperidade para alguns e, expropriação e miséria social para outros que perderam suas fontes de sobrevivência no campo.

---

<sup>56</sup> Dona Fia já citada.

A cidade foi se transformando e modificando tudo a sua volta, o campo e as relações entre os moradores da cidade. Os moradores do Bairro Pio Gomes, nesta disputa pela cidade, começam a reivindicar para si as mesmas “benfeitorias” da Vila Liberdade e, com muito trabalho e luta conseguiram se incluir na cidade.

Dona Fia, ao relatar as diferenças entre a Vila Liberdade e o Pio Gomes, expressa a felicidade de ter conquistado o seu espaço ao se mudar para a Vila Liberdade. Durante a entrevista, notei o brilho no olhar de uma pessoa que passou parte de sua vida morando em imóveis de aluguel e que hoje se identifica com a cidade a partir da Vila Liberdade. O asfalto é um dos maiores bens a que ela se refere, pois ofereceu melhores condições de vida, e saúde para ela e seus filhos. A necessidade de viver melhor e com saúde, sem poeira, sem doenças respiratórias, com menos dificuldade para manter a casa e as roupas limpas, significa, hoje, algo indispensável para o viver urbano, tanto de Dona Fia, quanto de outros moradores de Catalão e de outras cidades brasileiras.

Hoje, a Vila Liberdade conta com escolas particulares, dois supermercados, lojas de conveniências, armazéns, butiques, açougues, mercearias, linha de ônibus, posto de saúde e Escola Estadual nas proximidades (localizados no Bairro Pio Gomes).

Experimentar a urbe nesse contexto de transformações, mas fora dos benefícios urbanos, é o ponto mais lembrado por muitos trabalhadores que lutaram e lutam para se manter pertencentes à cidade. Não à cidade projetada, mas à cidade por eles construída, da qual fazem parte dos tipos de elaboração e reelaboração do espaço urbano que vão construindo para melhorar o viver na cidade. Um dos exemplos é o Sr. João Santana, que

veio para a cidade na década de 70 que, ao contrário de Dona Fia, preferiu se mudar da Vila Liberdade para a Vila União:

*Logo assim que eu casei, (74) eu morei dois ano ali encostado lá no expresso Araguari (Bairro Nossa Sr.a de Fátima) lá onde era lá o escritório, na época, do Fernando Scarpelli. Depois de lá eu fui pra Vila Liberdade, a Vila I, a antiga, de umas rua estreitinha. Morei lá até 81, em 81 eu vim pra qui pra Vila União e to aqui até hoje. Lá (Vila Liberdade) eu morei uns três anos assim, pagava cumo da pessoa só que não era. Aqui (Vila União) praticamente não tinha nada! Eu vim pra cá pra saí fora dessas coisa do BNH e tudo. Que a gente sempre teve de ficar em fase difícil, como se diz né? E aqui a gente, a gente... eu comprei ela (a casa). Uma parte construída, depois terminei o resto. E livre que a gente aqui só paga o imposto anual (IPTU). Fui aumentando na medida do possível, ainda não deu pra terminar, que cê vê é simplesinho né?<sup>57</sup>*

Sr. João Santana morou na Vila Liberdade por três anos aproximadamente até se mudar para a Vila União. Ao falar das ruas estreitas, Sr. João está fazendo referência ao seu novo lugar na cidade, pois não mora mais na Vila Liberdade, com ruas estreitinhas, onde, segundo ele, mal cabia um fusca. Hoje, mora na avenida principal da Vila União, onde cabem “quatro carros de pareia<sup>58</sup>”. Nessa trajetória de moradia, ele nos apresenta o motivo de se mudar da Vila Liberdade para a Vila União.

Por questões econômicas ele, como muitos outros brasileiros, adquiriu seu imóvel em bairro distante dos benefícios urbanos. Aos poucos foi adequando e modificando seu lar “à medida do possível”<sup>59</sup>. Neste caso, o novo bairro não era diferente dos outros. Praticamente todos não possuíam uma infra-estrutura mínima. Contudo, apesar das dificuldades, estava livre das dívidas e seguro enquanto proprietário. Possuía um modo de

---

<sup>57</sup> João Santana, já citado.

<sup>58</sup> Idem.

<sup>59</sup> Ibidem.

ver as relações comerciais distintas, com a concepção de comprar somente à vista, de não dever para não sujar o nome em caso de falta de emprego.

Apreendemos ainda a contradição para o entrevistado entre o nome da Vila Liberdade e a sujeição à dívida do BNH. Ele superou essa contradição com a liberdade da casa própria na Vila União, onde era livre para fazer o que quisesse de seu imóvel, apesar das dificuldades enfrentadas, especialmente a falta de estrutura do bairro, pois a Vila União não foi um bairro planejado como a Vila Liberdade. Apesar de não encontrar motivos para os nomes dos bairros, alguns moradores encontraram “Liberdade na União”.

*Com um ano que eu tava aqui eu casei e acabei ficano aqui mesmo em Catalão. Criei raiz. Família, como se diz, né? Quando eu via a dificuldade dos casais, eu falava que eu nunca casaria. Eu, como rapaiz novo, soltero, cansei de aconselhar casal né? Com aqueles problema difícil. Eu dizia eu num vou mexer com isso. E acabei casano aqui. Mais eu não arrependi não né? Tô aí graças a Deus! Três filhos. Tem um que até é deficiente, tem problemas mentais né? Fica nessa escolinha Santa Clara, tem outro que tá trabalhando fora né? E tem uma menina que tá estudando, vai tentar vestibular<sup>60</sup>.*

Este entrevistado apresenta uma trajetória de vida e trabalho muito sofrida, que deixou muitas marcas em sua memória. Ver o sofrimento dos outros em situação semelhante a sua, porém com família, lembrar do Sr. próprio sofrimento, fazia-lhe acreditar que seria sozinho no mundo o tempo todo. Porém, o “destino” o fez mudar de idéia. Casou-se, teve três filhos e, optou por ficar em Catalão e construir uma vida nesta cidade. Apostou no “progresso” da região e contribuiu para assentar mais um tijolo na construção da cidade a partir de seu trabalho, de sua participação nas atividades do

---

<sup>60</sup> João Santana, já citado.

bairro, do grupo de jovens, na constituição de uma família, relações de vizinhança, entre tantas outras. Falava com orgulho de ter conseguido criar seus filhos com dignidade, passando-lhes valores como respeito, solidariedade, trabalho e educação.

Pude visualizar, nas palavras do Sr. João, a sua concepção de casa própria: casa que pertence a ele, livre de financiamentos, sem riscos de perda por falta de pagamento das prestações. Enquanto para muitos brasileiros, a década de 70 representava a possibilidade da casa própria, mesmo financiada, para o Sr. João, as dificuldades cotidianas, suas experiências e de seus conhecidos, tudo isso fez com que buscasse outra alternativa de aquisição da moradia.

A cidade começa a apresentar a difícil arte de construir um espaço para viver e morar. Para aqueles que vieram do Nordeste, as dificuldades, em princípio, não foram de aceitar, ou não, morar na vila. A Vila representava, nesse momento, um lugar privilegiado da cidade por já possuir água encanada e energia ligada. Apesar da dificuldade de acesso - citada por Osvaldo no capítulo anterior - estava mais próxima do centro, estando, portanto, “integrada à cidade” (centro comercial), em 1975. Fez-se necessário (re)construir formas de relacionamento social, de criar vínculos, de se localizar, de encontrar e construir seu espaço em Catalão.

*Eu aluguei uma casa ali no bairro do Pio, depois eu aluguei uma naquela avenida da Santa Casa, né? Casa nova, três quarto, casa grande. Mas eu fui morá lá só passei 15 dias, num agüentei as muriçoca não.<sup>61</sup>*

A trajetória de Roque e família mostra a dificuldade de encontrar um bom lugar para morar na cidade, ou um lugar que, para ele, tenha características de cidade. Eles se mudaram das proximidades da Vila

---

<sup>61</sup> Roque Salvino, já citado.

Liberdade para um lugar “melhor”, mas os mosquitos não permitiram que ficassem por muito tempo. Percebe-se que o padrão de cidade que tem hoje, não se aproxima da cidade de 1976. Retornam para o Pio Gomes e aguardam por uma casa na Vila Liberdade.

Casas da Vila Liberdade foram alugadas pela empresa mineradora para abrigar os seus empregados, mas nem todos conseguiram o benefício. Muitos conterrâneos de Sr. Roque moravam na Vila, talvez isso também tenha contribuído para que ele e sua família encontrassem o seu lugar na cidade, na Vila, e não próximo à Santa Casa, ainda que a casa fosse menor.

A idéia de morar numa casa maior, mais nova e muito mais próxima ao centro pareceu para o Sr. Roque, uma boa alternativa e uma mudança no “padrão de vida”. Contudo, a região próxima à Santa Casa, apesar de ser mais próxima do centro comercial da cidade, era formada por muitos alagados, erosões, grotas e repleta de insetos, segundo alguns moradores. O sonho dura pouco e o Sr. Roque tem de retornar para o bairro Pio Gomes até conseguir uma casa na Vila Liberdade, que, apesar da distância e isolamento, possuía uma infra-estrutura melhor que a maioria dos setores da cidade no período.

*A Vila Liberdade foi feita no governo do Leovil em 1964, quando o Leovil foi prefeito. Deu trabalho pra que arrumássemos quem queria. Porque nós tínhamos que sair de casa em casa, quase implorando os outros pra dar o nome que queria casa lá em Catalão. E quando não tinha mais jeito, tanto eu quanto o Ênio (Paschoal), nós fomos na Usina de açúcar do Francisco Cassiano e, lá, nós pegamos um punhado de gente, pegamos os nomes deles tudo pra poder fazer aquilo. Na época, ninguém importava com aquilo, mas depois mudou<sup>62</sup>.*

---

<sup>62</sup> Silvio Paschoal, op cit.

As pessoas da cidade, nesse período, não estavam habituadas a pagar aluguéis, muito menos, prestações. Hábitos tiveram de ser modificados para a aceitação das novas relações com a cidade, muitas vezes essas modificações foram, de certo modo, impostas.

Um projeto de financiamento de casas necessita de um número específico de pessoas interessadas, caso contrário, a verba não é liberada e o projeto não é viabilizado. Os políticos locais tiveram que se desdobrar e procurar possíveis proprietários nas fazendas e na cidade e convencê-los das vantagens de ter uma casa própria. Não deve ter sido tarefa fácil. Primeiro, pelo aspecto cultural já mencionado. Segundo, porque sabemos que, para fazer um financiamento, a pessoa precisa ter uma renda fixa, com um valor suficiente para pagar as prestações. Desse modo, nem todos os interessados tiveram acesso. Muitos tinham condições, mas não tinham interesse. Outros se inscreveram e foram obrigados a desistir do financiamento por não conseguirem quitar suas prestações.

Para muitos moradores da cidade a primeira, fase de construção da Vila Liberdade (fins da década de 60) representou uma grande possibilidade de possuir uma casa digna de morar e construir uma vida. Esses anseios são representados por moradores de Catalão, que passavam por muitas dificuldades, pagando aluguéis e sem condições de adquirir um imóvel e levar sua vida sem precisar se preocupar com as constantes mudanças de endereço. Os moradores de Catalão, no período de construção da Vila Liberdade (1968), eram em sua maioria, trabalhadores rurais. Alguns já viviam com as famílias na cidade, outros não.

*Foi no dia 06 de dezembro de 68 que eu mudei pra cá... quando a gente mudô pra cá, aqui era assim, umas rua pequena, pequeno o bairro e... tinha muita poeira. Aqui, inclusive onde é o Abrão André (escola estadual em frente a Vila Liberdade) era campo de futebol... supermercado quase*

*num tinha né? Tinha, aqui, era uns butequinhos. Agora acho que tem quatro supermercado e também o... quando eu mudei pra qui pra Vila, nem luz tinha ligado ainda, ainda ficou muitos dias sem ligar luz. A gente mudô sem ligar a energia<sup>63</sup>.*

Dona Fia se mudou para a Vila Liberdade no momento de sua inauguração. Moradora do centro urbano de Catalão desde os oito anos de idade, trabalhou na roça e como doméstica em casas de família. Ao falar da mudança, diz que estava ansiosa para mudar logo, pois, desde que se casou morava em apenas um cômodo de aluguel e já tinha dois filhos. A casa veio em boa hora.

Mesmo não tendo energia ligada, “passou logo pra dentro” de sua casa própria, e as prestações possuíam um significado diferente do aluguel - a casa era dela. Fia diz que a demora na ligação energia causou conflito entre os moradores, pois um morador que era funcionário da Prada - empresa responsável pela eletrificação da cidade neste período - instalou energia em sua residência primeiro, enquanto os demais ficaram no escuro por alguns dias até comprarem os equipamentos que faltavam para a ligação da energia nas casas.

*Faltava muita água, chegamo a ficar dia e noite sem água. A única saída era buscar água onde tinha cisterna. Eu mesma já busquei muita água na minha tia, que morava ali em frente, (aponta para as casas em frente a sua, onde situa o bairro Pio Gomes), era a única que tinha cisterna, então fazia fila de gente lá buscano água. Era difícil, buscano água aos poquinho<sup>64</sup>.*

A aquisição da casa foi o primeiro passo para muitas lutas que ainda fariam parte da vida de Dona Fia e de outros moradores da Vila. A

---

<sup>63</sup> Depoimento Maria Pires Correa, natural de catalão, 55 anos, casada, quatro filhos. Trabalhou como doméstica até o seu casamento. Depoimento gravado em 22/09/1998.

<sup>64</sup> Dona Fia já citada.

partir da mudança para a vila, começariam a construir o seu lugar, a sua identificação na cidade. Ao falar sobre as dificuldades enfrentadas a entrevistada remete, também, às formas de solucionar tais problemas. As soluções encontradas por ela e pelos vizinhos vão desde a ajuda mútua, à solidariedade entre eles, até conseguirem uma solução definitiva para os problemas, que só foi obtida na década de 80.

Ter que carregar água em baldes para abastecer a casa, lavar, cozinhas, banhar os filhos, representou uma fase difícil, mas que foi superada através das formas encontradas e disponíveis para os moradores. Tema que será assunto do terceiro capítulo.

As dificuldades que a maioria dos habitantes de Catalão enfrentaram no período em questão, independente de serem ou não de outras regiões, foi, sem dúvida, a falta de infra-estrutura urbana.

*Quando eu vim aqui pra vila União, eu repito, nós num tinha energia... (João Santana - Vila União)*

*Tinha problema de asfalto. Uma poera! Tinha muita poera né?... os minino tudo doente. Tinha bronquite... asfalto, cabo, nunca mais foi preciso levá em médico. (Zé Preto - Vila Liberdade)*

*Tinha água encanada, mais faltava muita água, né? IH! Já ficamo até três dia sem água! (Zé Preto)*

Os benefícios mencionados se tornaram necessidades e passaram a fazer parte da vida dos moradores. Hoje, são indissociáveis do viver urbano desses sujeitos. É muito difícil para eles e para mim imaginar a vida na cidade sem energia, iluminação, água tratada encanada, asfalto, fogão à gás, o mínimo necessário para se viver num centro urbano.

*Todo mundo usava poço, tinha cisterna. Ninguém esperava nem que... eu mesmo era um que num esperava de vê asfalto, água encanada, luz aqui nesse bairro. Porque na minha época, aqui era tudo cerrado, era... naquela época tinha dez casa aqui naquela época, hoje nós já tamo no centro<sup>65</sup>.*

Muitos dos antigos moradores, como o Sr. Osvaldo, nem sequer acreditavam que um dia seria possível ter acesso à urbanização. O contato com novos habitantes, a percepção das diferenças de tratamento dispensadas pelo poder público municipal a alguns setores da cidade e a marginalização de outros, possibilitou a esses moradores modificar suas imagens da cidade e dos seus “direitos” enquanto moradores e construtores desse espaço urbano, extremamente, disputado político e socialmente.

Morar no cerrado há anos atrás e hoje estar “no centro” é de um valor incomensurável para este morador.

Quando pergunto ao Sr. Tobias sobre como foi feito o asfaltamento do bairro, se foi reivindicação dos moradores ele diz:

*Não, eles veio e fizeram o asfalto aí. Então, mais nessas condição que tinha que pagá, igual aqui eu tinha 12 metros né, então eu tinha que pagá a metade do asfalto... Desse jeito. A população mais fraca, aqueles que num tinha condição de pagá o asfalto tudo eles num perdoava tinha que pagá tudo<sup>66</sup>.*

Para este antigo morador da cidade, residente no Pio Gomes desde 1952, o asfaltamento da rua não foi uma reivindicação. Pelo período e experiência desse morador, ruas asfaltadas não eram uma realidade, nem uma necessidade, mas foi uma imposição do governo municipal na década de 60,

---

<sup>65</sup> Osvaldo Rodrigues, op cit., morador do bairro Pio Gomes desde 1948, faleceu em 2001 aos 76 anos de idade. 17/07/98

<sup>66</sup> Tobias, 06/06/98

onde os moradores foram obrigados a pagar, segundo mesmo, mesmo sem ter condições financeiras para isto.

*Esse asfalto, foi... não alembro mais quem foi o prefeito, a CCO, que féis o asfalto. O povo pediro né? Pediro e viero o asfalto. Nós pagamo o asfalto. Eu custei a pagar (muda o tom de voz). Gastei ah! Gastei uns dois ano pra pagá esse asfalto aqui. Mas paguei tudo graças a Deus. A água foi quando o Haley candidatô, passou a ser prefeito. Haley que concertô. Hoje não falta água de jeito nenhum! Só falta quando arrebenta um cano e eles fecha o registro pra poder arruma. Foi uma beleza, foi uma saúde pra nós aqui<sup>67</sup>.*

O Sr. Zé Preto mostra como foi a luta por benefícios para a Vila Liberdade. Reclamações sobre a falta de asfalto e de água aparentemente era a única forma de reivindicação. Com muita insistência, os moradores conseguiram melhorar o abastecimento de água e asfalto na Vila. Ao contrário de muitos discursos políticos, Sr. Zé Preto se refere a esses benefícios como uma conquista feita às custas de muito trabalho e dos pagamentos das prestações e, não, à boa vontade e ação de graças de políticos eleitores.

Percebe-se, ainda na fala supracitada, a presença de um discurso muito utilizado nas décadas de 70 e 80 sobre a questão da saúde pública e as melhorias urbanas. Porém, apreendemos dessa fala que, se depender apenas do trabalho dos governantes, a saúde pública ficaria apenas no discurso. Os moradores tiveram grande trabalho em buscar esses benefícios urbanos, como água e asfalto, que representaram uma melhoria acentuada no conforto e saúde para pais e filhos que viviam nessas localizações da cidade. O aplacamento da poeira e a água tratada com abastecimento regular reduziram as doenças respiratórias e outros problemas,

---

<sup>67</sup> Zé Preto, op cit.

como verminoses. Os benefícios foram conseguidos através de pedidos do “povo”.

Os moradores precisavam de água, energia, moradia, e emprego - o grande personagem do discurso de progresso da cidade. Contudo, o que os moradores mais antigos relatam:

*No serviço, só tinha serviço de roça e salário muito baixo né? Mais tinha muita fartura. Mantimento tinha muito. Essas coisa assim tinha. Cê ia nas roça, eu ia nas roça, trabaiava em fazenda, vinha carregano aqueles pezão de mandioca, aquele saco de trem e trazia pra casa. Tudo quanto há ese dava pra gente<sup>68</sup>.*

Nesse trecho, o Sr. Zé Preto explicita uma relação entre campo e cidade muito intensa nesse período, início da década de 70. Segundo a maioria dos entrevistados a fonte de trabalho era praticamente o campo, um trabalho duro, pesado e mal remunerado. Apesar de tudo, possibilitava a alimentação da família, talvez não pelo salário, mas pelo recebimento em “espécie”. Estrategicamente ou não, era permitido ou liberado pelo fazendeiro ao trabalhador levar para casa produtos da fazenda. Possivelmente, eram relações desenvolvidas para suprir o baixo salário e manter o trabalhador ligado ao fazendeiro por um laço de “amizade”, quem sabe até impedindo possíveis revoltas contra a situação de exploração pela qual passavam os trabalhadores braçais naquele momento.

A fala do Sr. Zé Preto traz aspectos do desenvolvimento, de outras relações de trabalho e de poder envolvendo a vida da cidade e do campo. Relações que, em alguns momentos, parecem harmoniosas graças às estratégias de sociabilidades desenvolvidas entre fazendeiros e trabalhadores.

---

<sup>68</sup> Zé Preto, op cit.

Evidencia, também, uma certa contradição entre o discurso do progresso e a forma de trabalho e remuneração desses trabalhadores.

Essa correlação campo/cidade aparece na maioria das falas, especialmente quando se referem ao período da década de 70. Para muitos, as características da cidade lembravam o campo, principalmente, as relações de trabalho e o trabalho disponível. Em muitos aspectos, as relações desenvolvidas na cidade remontavam tradições, costumes, valores trazidos da experiência, vivenciada no campo, onde muitos, mesmo morando na cidade, continuaram trabalhando.

*Era só serviço horroroso! É relá mandioca pra fazê goma, fazê farinha de milho. Era difícil de fazê, num é qualquer pessoa que sabe fazê. Era lava roupa, aquelas carça de algodão muito pesada, num tinha escova, num tinha sabão em pó. Era na unha mesmo é... Panhá algodão, chamava a gente pra panhá algodão, no sol o dia todo, panhá mamona no sol. O serviço que tinha, ninguém via falá noutro serviço não. Era só esse mesmo. Quando custurava... máquina Singer, num existia máquina Singer, só máquina de mão, tocá num existia máquina nem dotra qualidade, quanto mais Singer. Só tocada a mão. Minha mãe mesmo tinha uma, custurava tocano com a mão assim oh! (gesticula com as mão como se estivesse tocando uma máquina)! Agora, serviço mais fácil, algum tempo que tinha era pra quem sabia costurá, costureira tinha, também era só. Bordei muito ponto de cruz, bordava vestido pros outro, bordava cocha, muito bonito. Que eu sei fazê crochê, eu sei borda ponto de cruz, eu tenho o corte de costura, tenho o diploma de corte e costura. Eu pensava assim, eu vô aprendê pra dexá pras minha filha quando eu morrê, e pro meus fio, minhas neta né? Eu peguei os diproma. O serviço algum tempo era triste nossa senhora! Num tem assim um serviço assim ruim de fazê que eu num fizzo na roça. Nós socava uma quarta de mamona no pilão, torrava e socava até ela ficá merejano óleo pa fazê o azeite tudo quanto era tipo de serviço custoso nós fazia se quisesse vivê, né<sup>69</sup>.*

---

<sup>69</sup> Entrevista com Bárbara evangelista, gravada em setembro de 1998, esposa do senhor Osvaldo Rodrigues, na época com 74 anos, natural de catalão, faleceu em 2001.

Dona Bárbara traz uma recordação de como se trabalhava, o que se tinha de emprego para a população em tempos passados. *Só serviço horroroso!* É um modo de dizer o quanto sofreu e labutou para criar os sete filhos ao lado do marido (Sr. Osvaldo) ou mesmo quando solteira, para ajudar os pais. Morou na roça por muito tempo. Quando veio para a cidade continuou a trabalhar no campo. Exerceu várias atividades das quais se lembra com tristeza, exceto pelo fato de trazer o valor do trabalho reconhecido como costureira e bordadeira, como legado a deixar para filhos e netos e a desvalorização do trabalho braçal no campo – trabalho horroroso. A tristeza atribuída ao trabalho, muito além da “dureza” desse labor, está no fato de atribuir a ele o desgaste de sua saúde, um enfisema pulmonar.

*Serviço custoso nós fazia se quisesse vive*<sup>70</sup>, a frase diz muito: a luta pela sobrevivência, trabalhar para viver, viver para trabalhar e, apesar de todo esforço, continuar na miséria. Situação que contrasta com todo o esforço de vangloriar o progresso e as facilidades do mundo moderno, relações de trabalho e sofrimento que são omitidas pelo discurso da história “oficial” da cidade.

O trabalho no campo não foi totalmente substituído com a implantação das empresas de extração mineral:

*Parece que no início, pelo menos nessa firma que a gente veio (Fernando Scarpelli) com ela, pegou pouca gente. Só assim aquele pessoal sem qualificação*<sup>71</sup>.

*Muito poça gente aqui de catalão teve acesso né, de trabalha nas minerações. A não ser como braçal*<sup>72</sup>.

---

<sup>70</sup> Bárbara, op cit.

<sup>71</sup> Marlene, op cit.

<sup>72</sup> Ado, op cit.

*Naquela época aqui em Catalão não era ruim de serviço não. Quer dizê tinha muita gente que dispensava, não queria firma igual as nossa, eles era muito ligado a lavora né. Ao trabalho do campo. Tinha serviço demais aqui, depois é que foi, que o povo foi vino pra cidade, aí já queria essas nossa que veio pra cá que era o minério, aí já não tinha como<sup>73</sup>.*

Em suas vivencias cotidianas, os moradores enfrentaram muitas dificuldades na busca pela participação na cidade. viveram em condições precárias, sem água, sem energia elétrica, sem asfalto, conviveram com muriçocas. Mas conseguiram, por meio de incansável esforço, superar todos os impasses urbanos e hoje se sentem parte dessa cidade. Parte construtora da cidade, esses sujeitos atuaram para a transformação de um lugar restrito a poucos em um lugar ampliado, que oferece as mesmas oportunidades a todos: hoje, sentem-se cidadãos catalanos.

---

<sup>73</sup> João Santana, op cit.

### CAPÍTULO III

#### DIFERENTES SIGNIFICADOS DO VIVER URBANO

No capítulo anterior, enfatizei a trajetória dos moradores na cidade e as dificuldades do viver urbano. Neste capítulo, pretendemos discutir os diferentes significados que o viver urbano adquiriu na vida destes sujeitos, as lutas, os aprendizados, as estratégias e práticas políticas desenvolvidas para a superação de problemas urbanos, sociais e de relacionamento com o poder público.

Para isto, lanço mão, novamente, das vivências dos moradores na disputa pela cidade. Mesmo vivendo situações semelhantes, os moradores selecionados para o desenvolvimento dessa pesquisa tiveram experiências de vida e de trabalho diferenciadas e, fundamentalmente, formas diferenciadas de viver a cidade e seus problemas.

Dona Fia, natural da região de Catalão e residente na cidade desde 1954, foi uma das primeiras moradoras da Vila Liberdade. Em sua entrevista, mostra um pouco do que foi modificado no bairro:

*Acompanhei o crescimento aqui quando eu mudei pra cá. As casa era tudo diferente, tudo igualzinho as casa, né? Hoje em dia modificô tudo, já não tem, se tivê é uma só, ou duas casa como a gente entrô aqui<sup>74</sup>.*

---

<sup>74</sup> D. Fia op cit.

A tentativa de padronização das moradias na Vila Liberdade não se manteve após a sua inauguração. Todas as casas foram construídas com o mesmo modelo e tamanho (dois ou três quartos, sala, cozinha e banheiro). Com a ocupação dos moradores, foram modificadas e adaptadas as necessidades dos mesmos.

As residências, com no máximo três quartos, receberam famílias de mais de dez pessoas que, com o passar do tempo construíram mais cômodos, áreas de serviço, varandas, mudaram as fachadas, cercaram com muros de tijolos ou lajes. Delimitaram seu espaço na cidade, personalizaram seus lares com jardins, hortas, modificações nas fachadas, na cor.

Dona Fia fala com alegria das modificações que ela e os outros moradores fizeram em seus imóveis na Vila Liberdade, transformando-os de acordo com seus anseios e possibilidades. Mostraram que são sujeitos capazes de interferir no meio e, assim sendo, dão personalidade a suas casas. De fato, praticamente não encontramos casas nos padrões de primeira entrega em dezembro de 1968. São mais de 30 anos e as residências passaram por várias reformas. É claro que isso não justifica as mudanças nas casas, nem é minha preocupação fazer essa discussão, mas possibilita pensar que as pessoas são mais que matéria, são portadoras de valores, sentimentos, sonhos, expectativas, projetos de vida. São construtores de seu modo de vida na cidade, no campo, na vila financiada, seja onde for, serão sujeitos sociais.

Além de modificações nas residências, muitos moradores, principalmente os que vieram de outras regiões, procuram outros meios de se incluírem na cidade:

*não conseguimos fazê o clube, mais nós reúne. A nossa vontade é montar o CTG – Centro de Tradições Gaúchas, como tem em Rio Verde. Só que a gauchada tá muito*

*desunida. A gente faz churrasco na casa d'um, na beira do rio... adaptação é a gente mesmo que faz, que se isola, viver no casulo vai ter problema de comunicação. (ele ri)*<sup>75</sup>.

Criar o seu lugar na cidade, através da manutenção de costumes alimentares como o churrasco gaúcho, reuniões, danças, amizades com os conterrâneos, as formas de melhorar e construir o seu lugar na cidade, a sua identidade. Neste caso, reunir os amigos e colegas que partilham dos mesmos costumes mostra uma forma de resistir às diferenças regionais e, sobretudo, de se mostrar como sujeito social, com valores e práticas culturais diferenciadas, mas nem por isso incompatíveis.

Montar um Centro de Tradições Gaúchas (CTG) expressa a necessidade que este sujeito sente de preservar uma cultura que, para ele, está se perdendo. Este clube representaria o meio pelo qual a “gauchada” se apropriaria de um lugar distante de sua origem, imprimindo-lhe o formato da terra natal. Novas características que poderiam amenizar a saudade do Rio Grande do Sul e ainda manter suas tradições culturais e alimentares.

Sentir que a “gauchada” está desunida levou-me a refletir sobre o processo de individualização cada dia mais intenso vivido pelos brasileiros. A alternativa que o Sr. Ado oferece para amenizar este processo e garantir sua identidade é a criação de um clube para iguais. Para ele, o CTG, e para outros trabalhadores em movimento, muitas vezes o simples reunir amigos e fazer um prato típico revela essa busca pela identidade e a construção de uma territorialidade no local onde vivem, mesmo estando a centenas de quilômetros de seus lugares de origem.

---

<sup>75</sup> Ado Delano, trouxe a família em 69 para Catalão, natural de São Gabriel –RS, trabalhava na sondagem, depois na Metago, e na Ultrafertil onde se aposentou aos 46 anos. Hoje com 58 anos, dois derrames e um infarto, morador da vila Liberdade desde sua chegada na cidade. Gravada em 07/06/2001. Não foi possível transcrever alguns trechos desta entrevista, pela dificuldade de dicção do depoente, que como foi dito passou por dois derrames.

Essa busca pelo pertencimento à cidade se manifesta de várias maneiras, pela ocupação e modificação de determinados espaços da cidade, como suas moradias, bares, clubes, festas particulares e sociais, pela tentativa de construção de um Centro de Tradições Gaúchas, como nos relata Ado Delano, pelas festinhas nas residências mantendo tradições e costumes étnicos. Uma vez que as diferenças regionais também foram foco de algumas disputas, discriminações e muitos aprendizados no convívio social, especialmente, com relação aos trabalhadores vindos de outras regiões como os nordestinos:

*Catalão não foi diferente. Existe muito aquele problema né de nordestino que vem pro sul (dá risadas). E Catalão não foi diferente. Mas, como vieram na época muitas pessoas já conhecidas, muitas pessoas que já era, nós já éramos amigos de lá, então não foi tão difícil não. Houve uma facilidade muito grande perante isso. E também quase todos vieram morar no mesmo bairro, isso facilitou mais ainda, criou laços. Não ficou tão perdido. E houve... Catalão é uma cidade muito acolhedora, uma cidade muito... De pessoal muito amigo, então nós éramos muito jovens naquela época, logo nós fizemos aquela turma enorme, fazíamos aquelas famosas brincadeiras, que nós tínhamos antigamente. Aquilo houve uma integração muito rápido<sup>76</sup>.*

O preconceito em relação aos trabalhadores de outras regiões, especialmente os nordestinos, fez parte da vida desses sujeitos. Jozelito relata a experiência de sua chegada à cidade e a forma de relacionamento que teve de desenvolver para se adaptar a cidade. As brincadeiras, populares festinhas, representam uma forma de sociabilidade desenvolvida e utilizada para demarcar seu espaço, manter seus laços de

---

<sup>76</sup> Jozelito, op cit.

amizade, culturais e se sentirem parte da cidade<sup>77</sup>, garantindo assim sua identidade como cidadãos.

Os primeiros momentos na cidade foram marcados por uma certa discriminação que foi superada pelos laços de sociabilidade desenvolvidos por estes trabalhadores em movimento<sup>78</sup>. A maioria deles foi morar no mesmo bairro, o que facilitou o desenvolvimento de relações, a superação da discriminação e da saudade da terra natal. Permitiu ainda que esses sujeitos, em suas práticas cotidianas, adequassem a cidade a suas necessidades.

Os nordestinos que se mudaram para Catalão vieram empregados e com um espaço na cidade reservado pela empresa mineradora na qual grande maioria exercia algum ofício, isso favoreceu a adaptação deles na cidade. Além disso, muitos filhos de mineradores, jovens em sua maioria na década de 70, logo se inseriram em espaços públicos da cidade, como bares, praças, clubes e ainda fizeram o seu grupo de amigos, promovendo festinhas particulares onde ouviam músicas e comidas típicas.

*As diferenças regionais são muitas. A gente tá acostumado com um tipo de vida, aqui já é um pouco diferente, alimentação, lá no meu povo esse como feijão preto direto e reto. Teve uma vez que eu tava procurano feijão preto no mercado velho ali sabe? E o Sr. falou: o Sr. dá feijão preto pros seus filho? Dô. Ele disse: Nossa! não faça isso, vai dar problema de intestino nos menino. Eu disse num dá não, moço ( ele ri) <sup>79</sup>.*

---

<sup>77</sup> Cf: CHAUI, M. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. Brasiliense, São Paulo, 1985.

<sup>78</sup> PETUBA, Rosangela Maria. **Pelo direito a cidade. Experiência e luta dos ocupantes de terra do bairro D. Almir 1990 – 2000**. Dissertação de mestrado pelo INHIS –UFU, 2001.

<sup>79</sup> Ado Delano, já citado.

Diferentes modos de alimentação, divertimento e vestimenta se cruzaram nesse novo espaço urbano. O hábito dos gaúchos de comer feijão preto cotidianamente assustou os goianos, pois estes acreditavam que o feijão preto era um perigo à saúde das crianças. Experiência marcante na vida do Sr. Ado, que não se intimidou e manteve seus hábitos alimentares, fato hoje lembrado com bom humor.

Os nordestinos, gaúchos e mineiros mantiveram seus hábitos alimentares e de festividades, mesclando-os com novos elementos e dando origem a outros.

*Foi muito difícil. Num foi fácil não! As crianças adoeceram, tem a Maria lá do Pinheiro, a gente tirava guia pra fazê consulta era lá. A criançada adoeceu tudo, deu gripe, me parece que virou epidemia, ela falou que os mineiro (de Minas Gerais) viero trazê peste pra Catalão. Foi muito trágica nossa chegada aqui! (ri). A gente estranhou o sistema, a comida e... O tipo de alimentação muita coisa é diferente né!<sup>80</sup>.*

Dona Marlene sofreu muito para se adaptar à cidade, o preconceito contra as pessoas de fora caiu também sobre ela e sua família que veio de Minas juntamente com outros mineiros, outros trabalhadores de outras regiões do País para a pavimentação da BR 050. Ouvir da funcionária do extinto Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) que os causadores da epidemia de gripe na cidade foram os mineiros marcou as lembranças dessa senhora, que teve de se submeter às piadas de mau gosto porque necessitava da guia para cuidar da saúde dos filhos.

A entrevistada fala com muita tristeza deste episódio. Após relatar o fato, ri do acontecido, reprovando as atitudes da funcionária do

---

<sup>80</sup> Marlene Martins, moradora da Vila Liberdade desde 1972, viúva cinco filhos, dois falecidos recentemente, formada em história pela UFG/CAC em 2000, depoimento gravado em 13/07/2001.

INPS e expressando um alívio por não passar mais por tal constrangimento, pois hoje se considera cidadã catalana.

*A gente foi muito bem recebido. O pessoal procurou amizade com a gente muito rápido. Inclusive tenho vizinhos aqui que é amigo da gente desde pó dia que a gente chegô aqui eles ajudo e tudo. Só que a gente tinha aquela coisa, a gente era mais apegado ao pessoal da firma, a gente não se apegava muito aos daqui. Agora depois que eles for embora, agora eu já me sinto como uma catalana mesmo. Porque eu falo que se for pra mim voltar lá pra de onde eu vim, eu num quero mais<sup>81</sup>.*

Essa moradora mudava de um lugar para outro acompanhando a empresa de pavimentação. Com isso, criou uma estratégia de não se apegar aos moradores das cidades onde morava, pois estava sempre se mudando. Ela preferia manter uma certa distância dos moradores da cidade e uma amizade maior com os colegas de trabalho. Assim ela não sofria quando mudava para outra cidade.

Contudo, quando teve que ficar em Catalão e ver seus amigos partirem, as dificuldades de adaptação foram ainda maiores:

*Inclusive eu, quando o pessoal começou a ir embora, que eu, meu marido já tinha decidido ficar. Cada mudança que ia embora era uma crise de dois a três dias de choro que me dava, porque eu já tava acostumada né, com o pessoal(...). Depois a gente fez amizade no bairro, arrumamo colega também. Né? E agora a gente acostumou, igual eu te falei, tá de um jeito que se for pra gente ir embora, a gente num quer mais<sup>82</sup>.*

---

<sup>81</sup> Marlene, op cit.

<sup>82</sup> Idem.

Esses sujeitos tiveram que forjar lugares de participação na cidade, para o desenvolvimento de relações pessoais e sociais, segundo Jozelito, as formas utilizadas por ele e seus conterrâneos nordestinos foram:

*Só cinema. Ah! Não. Nós tínhamos também na época além das festinhas, a festa em clube também né?! O cinema, e tínhamos em Catalão três lanchonetes, que a gente fala lanchonete. Era três locais de bebidas, de encontro, que era o Irapuã, a Panificadora... e... a Palhoça. No centro, todos no centro. Ali onde é o Bradesco hoje, era a Panificadora. Onde é aquela igreja crente era o Irapuã [em frente a praça Getúlio Vargas na Avenida Vinte de Agosto]. Onde é aquela lanchonete ali quase em frente ao Itaú era a Palhoça. Era o local de encontro da juventude. Era ali. Era um movimento muito grande no centro. Na época todo mundo ia lá. Os jovens todos iam pra lá<sup>83</sup>.*

Jozelito mostra aonde os jovens catalanos freqüentavam na cidade, que caminhos percorriam para se divertir e participar da vida na cidade. O sentido que esses lugares possuem depende da experimentação de cada morador. Os lugares recuperados só existem na memória, pois hoje só quem viveu e caminhou pela 20 de Agosto, na década de 1970, é capaz de rever esses lugares modificados pelo “progresso”, pelas mudanças urbanas, mas que permanecem vivos na lembrança e carregados de sentidos e relações sociais<sup>84</sup>.

Nesses lugares ocorreram os primeiros namoros, consolidaram-se amizades. Era onde se divertia e se fazia compras, onde se construía o viver urbano. Essas relações contribuíram para desenvolvimento da cidade e, no entanto, estão esquecidos em algum lugar do passado.

*Daqui da Vila pra cima (hoje vila margem três) era tudo cerrado. Os menino fazia campo de futebol ali. Eu ia com*

<sup>83</sup> Jozelito, entrevista já citada.

<sup>84</sup> Cf: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade – lembranças de velhos**. 2ª ed. SP: QUEIROZ/EDUSP, 1987.

*eles, porque eu num trabalhava fora. Tempo de fruta eu ia com eles aqui pertinho busca gabioba, cajuzinho do mato, essas coisa. Ia buscá esterco pra fazê horta, buscava lenha pra cozinhar, fazia trempe no quintal. Porque era tudo pertinho aqui. Agora a gente não tem como fazê isso mais(...) a gente passa a querer só conforto<sup>85</sup>.*

Dona Marlene começou a trabalhar sete anos após sua chegada a Catalão, depois que o marido sofreu um acidente de trabalho e foi aposentado por invalidez. Antes de trabalhar fora, ela se ocupava principalmente dos filhos, acompanhando-os nas brincadeiras e na coleta de frutos do cerrado, além de manter a tradição rural e ajudar na “economia doméstica”, utilizando trempe para cozer alguns alimentos, como o feijão. Mas, segundo a moradora os tempos mudaram. Hoje, ela não abre mão do fogão a gás e do conforto que a modernidade trouxe para a vida dele e dos filhos. Não podemos nos esquecer, de que, hoje trabalha fora, os filhos cresceram e ela não tem mais tempo de exercer as atividades de antes.

*Tinha uma plantação de café, hoje a Vila Erundina. O pessoal catava, aí ficava aqueles resto... aí eu ia com os meus minino buscá. O meu minino mais velho, que faleceu por último agora, ele era fã da Fafá de Belém, ele enchia de café os cantinho do saco e punha assim no peito e ficava cantando as músicas remedando a Fafá de Belém. O que eu divertia mais era com os menino, com as criança mesmo. Eu levava pra buscá fruta, nos córrego pra tomá banho, pra pegá peixinho. Agora hoje a gente já num tem. As criança de hoje já num tem essa... os pais também num tem tempo. Os Corguinho ainda tem, os mato, só que é mais longe, mais ainda tem. Mais ninguém faz isso hoje mais não. Naquele tempo num tinha clube nem nada. Hoje tem muito clube, principalmente dessas firma aí (mineradoras). Tem os clube que os pais são associados. Naquele tempo num tinha isso, então a gente tinha que procurá, a gente mesmo procurava proporcionar alguma diversão pras criança<sup>86</sup>.*

---

<sup>85</sup> Marlene, op cit.

<sup>86</sup> Marlene op cit.

Dona Marlene avalia o passado como um tempo diferente do agora. As lembranças são reelaboradas e ressignificadas pela memória. Ter mais tempo para cuidar de perto da educação dos filhos, mostrar que é possível se divertir com o que a vida oferece. E, naquele momento, o que se oferecia era a natureza, os córregos, as frutas do cerrado, as plantações de café. Ter mais tempo para os filhos é algo que Dona Marlene enfatiza em sua fala e, de certo modo, é para ela, hoje, um valor que se perdeu devido às novas atividades da família e às novas funções que as mães tem de desempenhar para manter a família.

O Sr. Tobias nos diz que:

*As rua era tudo triero, quando dava essa hora, (fim de tarde) eles (os filhos e colegas) pegava, tinha muita bassora (planta rasteira), amarrava as bassora, então ce saía nos triero assim, as pessoa que não sabia embaraçava e caía...(ele dá boas gargalhadas). As veis nós tava sentado aqui né, a cobra vinha no rumo de nós, o tatu saía, num precisava saí pra caça tatu não. Os tatu vinha precurá os morado pra pode cume (dá muitas gargalhadas)<sup>87</sup>.*

Nessa fala, observo tachos que mostram como eram as brincadeiras de criança, como amarrar a gramínea para ver as pessoas tropeçarem e talvez caírem. Lembrei-me de minhas férias escolares na roça e de fazer o mesmo nos trieiros (trilhas), especialmente, em dia de festa ou novena só para ver o “tombo dos inocentes”. Outra atividade descrita é a prática de caçar tatu, tão comum entre os relatos dos goianos mais antigos, especialmente quando falam da dificuldade de encontrar tal bicho hoje. Com isso, vemos que se trata de um momento de modificações não só para os habitantes humanos, como também para os animais silvestres que, com este

---

<sup>87</sup> Tobias, já citado.

processo, acabaram perdendo seu espaço, como as cobras e os tatus em questão neste trecho.

Os moradores/trabalhadores catalanos da década de 70 vivenciaram uma experiência conflituosa entre as expectativas trazidas pelos trabalhadores e a realidade encontrada. As dificuldades de trabalho, de relacionamentos, de relações com o poder público, relações campo/cidade, que fizeram parte do viver urbano.

São as experiências acima elencadas que nos possibilitam perceber a adequação, assimilação, resistência, manutenção ou recusa a novos hábitos, valores e costumes. Situações que contribuíram e contribuem para a formação desses trabalhadores como sujeitos históricos, portadores de uma consciência social forjada em suas experiências de vida e de trabalho, nos diversos contextos e situações que fazem parte de seu modo de vida.

A paisagem urbana foi construída sobre essa gama de relações e situações que ora se apresentam contraditórias, ora convergem, ora rompem padrões e estruturas, ora mostram a heterogeneidade social, e que não permitem a uma cidade, independente de seu tamanho ou localidade, ser apenas um projeto político e arquitetônico. É importante salientar que uma cidade é sempre um lugar de pluralidade e de diferença. Por isso não deve ser reduzida a uma explicação limitada e estreita de manipulação de poder. Assim sendo, a afirmação de Déa Ribeiro Fenelon - “A cidade conta e contém a história” - vale para reforçar os diferentes significados do passado que constituem hoje a história desses sujeitos.

*A partir da hora que as minerações começaram a funcionar, veio muita gente de fora, aí a cidade teve que se adaptar ao número de habitantes e o comércio teve que desenvolver também sabe? Em 76 se tornou um problema de aluguel<sup>88</sup>.*

---

<sup>88</sup> Ado, op cit.

O Sr. Ado revela que de todos os problemas que estes trabalhadores enfrentaram ao chegar, o maior foi a falta de estrutura da cidade para receber o contingente de trabalhadores. A grande propaganda de progresso da cidade só atendia aos habitantes de maior poder aquisitivo, representantes da burguesia. A maioria da população da cidade sofria com as más condições de vida. A década de 70, nesse sentido, marca o momento de movimentação em torno de políticas de melhoramentos urbanos, cobrados pelos moradores. Segundo Ado, os aluguéis começaram a representar um problema para estes moradores. Como grande parte dos entrevistados falaram que a cidade possuía poucos bairros, poucas casas, a falta de oferta de residências de aluguel elevou os preços dos imóveis e dificultou ainda mais a vida de muitos trabalhadores em Catalão.

O tempo e as experiências na cidade fizeram com que os moradores procurassem melhorar as condições de vida nos bairros onde viviam, muitos moradores apelaram para as reclamações:

*Reclamava demais né? O pessoal reclamava demais mesmo! Sempre, mais era no tempo de política né? Que a gente reclamava. A gente falava na água. Eles perguntava o que tava faltando e aí a gente falava na água. Agora hoje tá bão. Hoje é muito difícil a gente ficar sem água<sup>89</sup>.*

Uma forma de diálogo entre moradores e o poder público, segundo a entrevistada, ocorria através do contato direto com os candidatos e governantes em tempos de eleição. Nas campanhas eleitorais os políticos locais procuravam os moradores, com as velhas promessas em troca de votos. Este era o espaço que para Dona Fia e outros moradores, possibilitava a exposição dos problemas e, talvez, a solução de alguns.

---

<sup>89</sup>Dona Fia, op cit.

*Água, energia nós é, a energia aqui, energia e água nós rumo a população aqui dessa esquina, a água só subia lá né? Então nós furô aí por nossa conta, pediu aí ese veio feiz a encanação, só os cano. Agora, da onde passava os cano pra cá na entrada, foi tudo a nossas custa; a energia tamém foi a mesma coisa, a energia que tinha aqui era poste de aruera né? E eu, eu fui na, eu trabaiava na roça, comprei os poste de aruera, nós juntô, puxô a energia de lá da esquina pra pó iluminação pra nós né? Então fazia aquela união e puxava a energia. Agora os fio que tem aí foi o Genervino e o Geraldo Evangelista (ambos vereadores) que deu pra nós, pra nós puxa os fio da energia aqui, num foi por conta da prefeitura não<sup>90</sup>.*

O Sr. Tobias relembra como adquiriu água e energia: às próprias custas”. Ele procurou a prefeitura para pedir água e energia. O prefeito disse que não podia fazer nada. Procurou a Prada e a empresa disse que, se eles conseguissem os postes e a rede, a energia eles ligavam. Com a rede de água aconteceu o mesmo: tiveram que furar a valetas para ter acesso à água.

O entrevistado se orgulha em dizer que a prefeitura nunca fez nada e que, portanto, não deve nada a ela. Os referidos postes de aroeira só foram trocados em 1998, ano da entrevista, e ele não pôde ficar com o poste que ele mesmo comprou para passar a rede de energia. Talvez daí venha o ressentimento ainda maior.

Percebo, nesses trechos, que as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores explicitam conflitos com o poder público e a organização, de acordo com as possibilidades de práticas políticas dos moradores, para solucionar seus problemas. Fazer-se ouvir é uma delas, estratégia que poderia até mesmo comprometer a ascensão de algum candidato ao poder.

---

<sup>90</sup> Tobias, op cit.

A união dos moradores é o que fazia, para ele, o viver urbano. A ajuda mútua, o companheirismo e as lutas em conjunto fizeram o bairro em que ele mora até os dias atuais. Não foi a prefeitura quem fez o bairro, foram os moradores em sua união. Fato que hoje é lamentado por Tobias, pois a rotatividade de moradores fez a união e a forças dos moradores diminuírem.

*Aqui quando nós veio pra cá, nós tinha o Frei Sebastião. Inclusive, até eu fui, tomei parte aqui do, fui presidente do bairro, eu tomei conta do JUPEC (grupo de jovens), eu e minha mulher. A gente ficou ali mais ou menos... muito tempo, tomamos conta do centro Comunitário. Nós através de mutirão é que conseguimos fazer o centro comunitário que ta ali até hoje, que não tinha aquilo ali era mato né Hoje é outros que toma conta a gente só pranto a semente!<sup>91</sup>.*

Neste trecho, Sr. João Santana mostra como foi o processo de luta por melhoria da Vila União. O trabalho solidário, tão em voga hoje em dia com o nome de trabalho voluntário, faz parte de estratégias muito antigas de relacionamento e solução de problemas cotidianos. Os mutirões, prática muito comum entre trabalhadores do campo, foram a forma encontrada pelos moradores nas décadas de 70 e 80 para buscar melhorar o seu lugar de moradia. Construir um centro comunitário e procurar ajudar o crescimento do bairro, é algo que Sr. João tem um certo orgulho em contar.

Sentir-se sujeito da construção de seu bairro, portanto da cidade, fazer parte do processo de formação cultural e religiosa dos jovens de seu bairro, promover a recuperação de festas religiosas que acontecem todos os anos no referido centro comunitário, é parte da herança do Sr. João.

---

<sup>91</sup> João Santana, já citado.

*Tem uma outra semente que nós prantamos que foi... nós tinha um vereador aqui, o finado Wilson Naves que já morreu. Nós criou na, época, a associação de bairro com ele. Não tinha associação de bairro. Foi assim... começo a melhorá através da associação de bairro. Era simples, nós tinha, às veis, pessoas que fazia parte mais não entendia porque não era muito esclarecido assim. Tinha muita gente grosseira que rasgava até a carteirinha, né? Eles queria as coisa, digo mais num é assim, cê consegue mais é de vagar! De forma que num é que a gente considerava que aquela pessoa era ignorante, era o tipo de, quando você começa a domesticá, vamo até falá assim referente a índio, assim nós era no começo. Inclusive foi construído na época uma lavanderia. Mais como era custoso menina! O pessoal daquele tempo, os que hoje é tudo home, tudo rapais, otros já casado, otros já até morrerro como se diz. Mais era custoso demais na época. Então tentou. O Wilson Naves quando era vereador, e na época parece que o governo dele era... o Henrique Santilo, era o senador na época, aí mandô uns livro né? Pra ensiná cumé que formava associação de bairro. Criou aqui a da Vila União, criou a da... parece que lá do São João, Bairro das Américas, eu sei que ele mexia nos bairro tudo. Que é a semente que nós tem hoje. Que nós tá aí, o povo até briga pra... já tem chapa né? pra eleição pra todo bairro. De forma que a gente fica calado ao mesmo tempo eu tenho um orgulho interno porque foi nós que fundô, igual ao sindicato, sindicato Metabase (Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Metais Básicos e não Metálicos de Catalão) . De forma que a associação de bairro foi nós<sup>92</sup>.*

As primeiras atividades para formação de uma associação de moradores na Vila União foi a forma encontrada para acelerar as melhorias na Vila União e até mesmo auxiliar um número maior de moradores.

Auxiliados por Wilson Naves (ex-vereador no final da década de 70 e início de 80, ex-locutor de rádio com um programa popular, e ex-professor de Educação Moral e Cívica), Sr. João e outros moradores

---

<sup>92</sup> João Santana, já citado.

começaram a formar uma associação de moradores para defender seus interesses junto ao poder público municipal ou outras entidades.

Nesse ponto da entrevista, senti haver uma certa tristeza do entrevistado por não ter conseguido a compreensão de alguns moradores que não tinham paciência de esperar pelas soluções dos problemas e desistirem da associação, fazendo com que o movimento “morresse”.

Contudo, esse não é o maior motivo de sua tristeza. No auge da política da democracia participativa encampada pelo PMDB, em 1982, houve uma campanha para formação de associações de moradores nos bairros da cidade. Os líderes de cada bairro deveriam ser selecionados e fariam um curso ministrado na UFG/CAC, para formação dos presidentes das associações. O Sr. João foi excluído dessa seleção e só ficou sabendo do “tal” curso anos depois. Na realidade, as pessoas escolhidas eram de confiança do prefeito. Mesmo assim, o Sr. João continuou sendo procurado e indicado como o presidente da associação.

João Santana teve uma atuação política muito grande ao longo de sua vida na cidade. Durante muitos anos, foi filiado ao PMDB, participou da fundação do sindicato das mineradoras. Contudo, vemos um ressentimento ao falar disso, pois quando as associações foram institucionalizadas, em meados da década de 80, ele foi substituído por um representante do bairro escolhido pela prefeitura. Desfilou-se do partido em 98 por perceber que os políticos estavam fazendo-o de “pinguela” para chegar aos moradores do bairro em época de eleição e, em outros momentos, “nem sabiam que ele existia”.

Porém, restou o orgulho de saber que foi um pioneiro em contribuir para o desenvolvimento da Vila União - ele “plantou a semente”. O aprendizado do viver urbano.

Aprender a conquistar o seu lugar na cidade mostra que a participação desses trabalhadores como sujeitos atuantes constitui num fator extremamente importante para transformação da cidade. A cidade é parte da vida desses sujeitos e esses sujeitos são parte da história dessa cidade. Trata-se de uma relação recíproca e indissociável. As formas pelas quais esses trabalhadores se reconhecem na cidade são múltiplas e dependem das trajetórias de vida e dos relacionamentos sociais desenvolvidos em bairros, com os vizinhos, com o poder público, com a religião, com os espaços urbanos.

O reconhecimento de se sentir catalano através do trabalho e honestidade, valores cultivados pelos entrevistados, e que para eles são formas de se garantir como parte da cidade. Reclamar, se aproveitar de momentos eleitorais, formar grupos de moradores, associações de bairros, centros comunitários grupos de jovens, pagar suas contas em dia, são os meios de participar e mudar as formas dessa Catalão, adequando-a às necessidades dos moradores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, procurei dialogar com as experiências de alguns moradores de Catalão que vivenciaram a década de 1970 e o surto de desenvolvimento urbano industrial da Cidade. Essa leitura da cidade me pareceu relevante por trazer, para a superfície do debate sobre a história de Catalão, a contribuição dos trabalhadores menos afortunados, moradores de três setores da cidade. Muitos vieram do Nordeste. Outros de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul e do setor agrícola da própria região de Catalão.

A participação destes sujeitos como colaboradores com a construção da cidade é algo que não vemos com frequência. Nos discursos “oficiais” da história da cidade ouvimos: “Catalão Atenas de Goiás”, “Catalão pólo de desenvolvimento e progresso”, “Catalão terra de grandes homens da política Goiana”, “a grande contribuição dos Sampaio, Paranhos, Netto, Sebba, entre outras famílias tradicionais para a construção da cidade”. Além disso, há a famosa explicação das expedições Bandeirantes para a formação do povoado que se tornou cidade de Catalão. Essas são frases muito comuns de se ouvir e de se ler quando se fala de história da Cidade.

Por ouvir constantemente estas frases sobre Catalão, sentia falta de algo mais sobre a mesma: sentia falta dos moradores comuns, que viviam, trabalhavam, caminhavam e se divertiam pela cidade. Isso me fez procurar outras visões sobre a cidade: as visões dos moradores.

Por meio das memórias desses sujeitos, recuperei um pouco da trajetória desses trabalhadores e sua participação na cidade, antes esquecidos, propositalmente, por outros. Foi um trabalho árduo, mas muito gratificante à medida que pude encontrar algumas respostas para as indagações que me levou a pesquisar o tema.

Procurei em princípio, conhecer a trajetória dos trabalhadores que habitaram Catalão na década de 70, suas origens, suas expectativas sobre a cidade e que cidade encontraram. Queria ver outra cidade, mas me deparei com uma diversidade de versões sobre ela, várias histórias, muitas memórias de uma única cidade.

Em seguida, observei como era o viver urbano para esses sujeitos, desvendando o universo de relações estabelecidas entre os trabalhadores e a cidade. A partir disso, procurei recuperar os sentidos, os significados que o viver urbano adquiriu para esses moradores.

Encontrei uma população heterogênea em todos os setores da cidade trabalhados nesta pesquisa. Muitos já vieram empregados e aqui permaneceram, construíram relações sociais e “territórios” onde hoje se identificam como sujeitos históricos pertencentes a Catalão.

Muitos entrevistados são, hoje, aposentados por tempo de serviço, por idade, ou por invalidez. Outros ainda estão na “ativa”, mas todos fizeram de Catalão o lugar que escolheram para viver. Transformaram o “carradão” em Cidade. Aprenderam a amar esta terra. Deixaram pra trás lembranças e amigos. Criaram, aqui, estratégias e práticas para bem viver em um lugar longe ou diferente do seu local de origem, superando diferenças sócio culturais, discriminações e preconceitos, que marcaram sua chegada em Catalão.

Ocuparam bairros, modificaram suas casas, transformaram os bairros em seus lugares de participação na cidade. Transformaram e construíram a cidade. Contribuíram para a história de Catalão, sem ao menos terem sido mencionados como sujeitos pelos políticos, memorialistas e alguns historiadores locais.

As relações que estabeleceram entre si e com o poder público marcaram a memória desses personagens e a disputa pela memória da cidade. Eles não só fizeram a história de Catalão, como continuam a fazê-la, pois continuam vivos e atuantes.

Muitas outras possibilidades poderiam ainda ser exploradas a partir deste tema e das entrevistas. Porém, foram essas questões que me coloquei. Considero a memória como fonte principal e é neste aspecto que reside a relevância do trabalho, eleger a experiência dos sujeitos. Desse modo, este trabalho tem como característica ser provisório e inacabado, não apenas pelas entrevistas que gostaria de ter feito e não foi possível, mas principalmente porque é um trabalho de interpretação do vivido e, sendo assim, abre muitas possibilidades, tanto para os sujeitos que nele atuaram, como para a pesquisadora e para os leitores.

Este foi o maior ganho do trabalho realizado: perceber que trabalhadores comuns constroem alternativas históricas em seu viver cotidiano por meio de suas lutas e de seu modo de vida. Por serem fundamentadas no cotidiano vivido, estão sempre em movimento, em transformação. Isso me fez chegar ao final deste trabalho com as palavras de W. Benjamin:

*... nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. (...) somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente de seu passado*<sup>93</sup>.

---

<sup>93</sup> BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1984. Vol. I, p. 223.

A experiência vivenciada por estes trabalhadores é algo que o historiador não pode ignorar, é fonte inesgotável de sabedoria, conhecimento e terreno fértil para futuros trabalhos.

**FONTES:**

## 1. Entrevistas :

- João Ribeiro de Santana (três entrevistas realizadas em 1997, 1998, 2001);
- Jackson - 1998;
- Fátima-1998;
- Elaine-1998;
- Lizeu Quirino, 1998 e 2001;
- Jozelito, 2001;
- José Feranandes Barbosa (Zé Preto) - 2001;
- Dona Maria Pires Corrêa (Dona Fia) - 1998 e 2002;
- Silvio Paschoal - 2001;
- Haley Margon - 1997;
- Osvaldo Rodrigues 1998;
- Bárbara Evangelista - 1998;
- Marlene Martins 2001;
- Tobias – 1998 e 2001.

## 1.2- Entrevistas não gravadas:

- Camélia 2001;
- Verônica 2002.

## 2. Censos rurais e urbanos do IBGE, de 1930 a 2002.

## 3. Periódicos da década de 1970 - Jornal O Catalano; Cinco de Março, O Popular;

4. Fotografias da cidade no período estudado;
5. Documentos da Prefeitura;
6. Plano Ordenador da cidade de 1977; Projeto de Cooperação Técnica de Municípios (1979).
7. Mapas;
8. Quadros.

**BIBLIOGRAFIA:**

- AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- AZZI, Antônio J. **Catalão Ilustrado**. SP: Linotechnica, 1938.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1994. v. I, II e III.
- BRESCIANNI, Maria. Stella. “História e historiografia das cidades, um percurso”. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.) **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.
- CALVO, Célia Rocha. **Muitas memórias e histórias de uma cidade: experiências e lembranças de viveres Urbanos – Uberlândia 1938-1990**. Tese de doutoramento na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, março de 2001.
- CAMPOS, Maria das Dores. **Catalão: estudo histórico e geográfico**. Goiânia: Bandeirante, 1979.
- CARVALHO, Telma Campanha de. **Fotografia e Cidade: São Paulo na década de 1930**. Dissertação de mestrado, PUC/SP.
- CERTEAU, Michael de. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. Vol. I 3ª edição, Petrópolis, Rio Janeiro: Vozes, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**. São Paulo: Moderna, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Conformismo e Resistência. Aspectos da cultura popular no Brasil**. SP: Brasiliense, 1986.
- CIRIACO, Adriana José. **Práticas Políticas de Moradores de Bairros Periféricos de Catalão nas décadas de 70 e 80**. Monografia de fim de curso de graduação em História, UFG/CAC, 1999.

- CRUZ, Heloísa de Faria. **Na cidade, Sobre a Cidade: cultura letrada, periodismo e Vida urbana São Paulo 1890/1915.** Tese de Doutorado em História Social, FFLCH/USP, 1994.
- FENELOM, Déa Ribeiro. **Cidades – pesquisa em história.** São Paulo: Olhos D'água, 1999.
- \_\_\_\_\_. “O historiador e a cultura popular: História de classe ou história de povo?” In: **História e perspectiva.** Uberlândia: UFU, 1992.
- \_\_\_\_\_. “Trabalho cultura e história social: Perspectivas de Investigação”. In: **História e perspectivas,** Uberlândia: UFU, 1984.
- \_\_\_\_\_. “Cultura e História social: Historiografia e pesquisa”. In: **Projeto história.** SP, 1993.
- FERREIRA NETO, Maria Cristina Nunes. **Política razão e desrazão: dimensões políticas e históricas do “insucesso” do pólo minero-químico industrial de Catalão/ouvidor (1962-1992)** Dissertação de mestrado apresentada ao departamento de História, Universidade Estadual de Campinas, 1998.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. “História Oral: um inventário das diferenças”. In: **Entre-vistas: abordagens e usos da história oral.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1994.
- FONTANA, Joseph. **História: análise do passado e projeto social.** Bauru, São Paulo: EDUSC, 1998.
- GOMES, Luiz Palcin Et ali. **História Política de Catalão.** Goiânia: UFG, 1994.
- KNAUSS, Paulo. “Imagens do espaço, imagem da história. A representação Espacial da Cidade do Rio de Janeiro”. In.: **Tempo,** RJ: EDUSP, 1997.
- LOPES, José Sérgio Leite. “Anotações em torno do tema condições de vida na literatura sobre a classe operária”. In: SILVA, Luiz Antônio Machado

- da. (org.) **Condições de vida das classes populares. Debates Urbanos**  
Rio de Janeiro: IUPERJ, 1992.
- MARX, Karl. **O Capital**. L. I, Vol. I, 3ª edição, São Paulo: Abril Cultural,  
1988.
- MORAIS, Sérgio Paulo. **Trabalho e cidade – Trajetórias e Vivências de  
Carroceiros na Cidade de Uberlândia 1970-2000**. Dissertação de  
Mestrado em História Social, UFU-março de 2002.
- PAOLLI, Ma. Célia. “Os trabalhadores urbanos na fala dos outros”. In:  
LOPES, J. S.L.(org.) **Cultura e identidade operária**. Rio de Janeiro/São  
Paulo: EDUFRRJ/ Marco Zero, 1987.
- \_\_\_\_\_. “ Pensando a classe operária: os trabalhadores sujeitos ao imaginário  
acadêmico”. In: **Revista brasileira de História**. 6/7, SP: Marco Zero,  
1983/4.
- PEDROSA, Laurindo Elias. **A apropriação do relevo urbano e suas  
implicações sócio-ambientais**. Um estudo de caso em Catalão GO.  
Dissertação de mestrado, Instituto de Geografia, UFU/MG, 2001.
- PETUBA, Rosângela maria Silva. **Pelo direito à cidade: experiencia e luta  
dos ocupantes de terra do Bairro D. Almir – Uberlândia 1990-2000**.  
Dissertação de mestrado em História Social. UFU, 2001.
- PINTO, Ma. Inês Machado Borges. “pobreza e formas marginais de  
sobrevivência”. In: **Cotidiano e Sobrevivência: a vida do trabalhador  
pobre na Cidade de São Paulo, 1890-1914**. SP:EDUSP, 1994.
- POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”. In: **Estudos  
Históricos**. RJ: EDUC, vol.2, 1989.
- PORTELLI, Alessandro. “O que faz a história oral diferente”. In: **Cultura e  
representação- projeto histórico**. São Paulo: EDUC, 1997.

- \_\_\_\_. “A filosofia e os fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais”. In: **Tempo**. SP: EDUC, vol. 1, 1996.
- \_\_\_\_. “Forma e significado na história oral. A pesquisa como experimento de igualdade”. In: **Projeto História - Cultra e Representação**. PUC/SP, vol. 14, 1997.
- \_\_\_\_. “Sonhos Ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores” IN: **Projeto História**. PUC/SP, vol. 10, 1993.
- \_\_\_\_. “O massacre de Civitella Val di Chiana”. In: **Usos e Abusos da História Oral**. RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- RAMOS, Cornélio. **Catalão de Ontem e de Hoje**. Goiânia: Opção, 1978.
- \_\_\_\_. **Catalão Poesias Lendas e Histórias**. 3<sup>a</sup> Ed. Catalão:gráfica Modelo, 1997.
- SADER, Eder. **Quando Novos Personagens Entraram em Cena**. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- SANTOS, Márcia Pereira dos. **O Campo (re)inventado Transformações da Cultura Popular Rural no Sudeste Goiano 1950-1990**. Dissertação de Mestrado em História Social, UFU-2001
- SILVA, Dalva Maria de Oliveira. **Memória: Lembrança e Esquecimento – Trabalhadores nordestinos no Pontal do Triangulo Mineiro Nas décadas de 1950 e 1960**. Dissertação de Mestrado apresentada à PUC/SP, 1997.
- SILVA, Helena Pereira da. **Luzes e Sombras na Cidade: No Rastro do Castelo e da Praça Onze 1920/1945**. Tese de doutorado, PUC/SP, 2002.
- SILVA, Silvia Aparecida Davi. **Discurso Médico e Prática Política na Cidade de Catalão**. Monografia Apresentada ao Curso de História pela UFG/CAC, 1999.
- THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**. SP: Cia das Letras, 1998.
- \_\_\_\_. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. RJ:Zahar, 1979.

- \_\_\_\_. **A formação da classe operária inglesa.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. Vol. I, II, III.
- \_\_\_\_. **Tradicion, revuelta y consciencia de clase.** Barcelona: crítica, 1989.
- THOMPSON, Poul. **A Voz do Passado.** História oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- THOMPSON, Alistair. “Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias”. In: **Projeto História.** SP:PUC ( 15), 1997.
- \_\_\_\_. “Desconstruindo a memória: questões sobre as relações da história oral e da recordação”. Trabalho para conferência de história oral e ética, outubro de 1995.
- WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade: na história e na literatura.** São Paulo, Cia das Letras, 1989.
- \_\_\_\_. **Cultura.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- \_\_\_\_. **Marxismo e literatura.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)